

MagisCultura



Mineira
Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros Setembro de 2022

**Aos 50 anos, *Clube da Esquina*
é eleito o melhor
disco brasileiro**

**Treze autores mineiros
para não se deixar de ler**

***Bloomsday*: o culto
a Joyce e à sua criação**

E MAIS:
Stan Lee, Paulo Setúbal, contos,
poemas e crônicas

26

SUMÁRIO

CAPA

Duas capas

A capa do disco

"Escolhi a foto de dois meninos porque acho que tinha um sentimento. Era uma questão de resistência, porque todo mundo estava exilado."

A explicação é de Carlos da Silva Assunção Filho, o Cafí, autor da foto da capa do disco *Clube da Esquina*. A foto, segundo ele, "representava Milton e Lô Borges, eram dois meninos, um pretinho e um mais novo sentados na estrada. E eles estavam realmente sentados ali; não foi montagem. Eu estava passando, vi os dois meninos sentados e fotografei."

Cafí, artista pernambucano, chegou à turma do Clube por intermédio de Ronaldo Bastos e é autor de várias fotos do grupo, além de ter realizado trabalhos para capas de discos de grandes nomes da música brasileira.

[Depoimento inserido na publicação *Clube da Esquina – 40 anos*, editada em 2012 pela Associação do Museu Clube da Esquina e Imprensa Oficial de Minas Gerais.]

Nossa capa

Aquarela de Sandra Bianchi, com releitura da foto da capa do disco, na qual os dois meninos da foto original são substituídos por imagens juvenis de Milton Nascimento e Lô Borges.



LITERATURA

Treze imprescindíveis autores mineiros da atualidade

Rogério Faria Tavares

4

Bloomsday

O culto anual a Joyce e ao amado personagem de 'Ulysses'

Gutemberg da Mota e Silva

8



SUPER-HERÓIS

Excelsior, o centenário de Stan Lee!

Roberto Soares de Vasconcellos Paes

18



ARTIGO

Indesejada, porém libertadora

Isaías Caldeira

22



CONTO

Neblina

José Aparecido Fausto de Oliveira

24



CAPA

O "melhor do mundo", uma lição de liberdade

Manoel Marcos Guimarães

26



Clube da Esquina,

um sonho sempre novo

Jorge Paulo dos Santos

28



O Clube do meu Quintal

Isabel Ferreira Brant

34



POESIA

Cinco poemas

Renato César Jardim

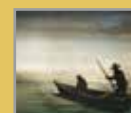
38



As duas viagens do meu pai

Odilon de Ávila Flores

39



POESIA

Ode a Sebastião Salgado

Amaury Silva

40



Três poemas

Aldina Soares

42



Três poemas

João Quintino Silva

43



Prece de um (outro) mineiro no Rio

Llewellyn Medina

44



Três poemas sobre música

Fernando Armando Ribeiro

45



LITERATURA

Confissões de Paulo Setúbal

Rogério Medeiros Garcia de Lima

46



PALAVRA DO LEITOR

54

EDITORIAL

Comemorar é preciso

Nada melhor do que ter razões para comemorar, particularmente quando essas razões vêm em sequência, uma após outra, como acontece agora com a nossa revista. Depois do “*jubileu de prata*” no último número, celebramos nesta edição novo salto de qualidade na trajetória da revista: a parceria com a Academia Mineira de Letras, que passa a integrar o Conselho Editorial, representada por seu presidente Rogério de Faria Tavares e pelo acadêmico Márcio Sampaio. Consolida-se, assim, o já belo conceito da publicação, na mesma medida em que aumenta a responsabilidade dos magistrados mineiros de continuar entregando aos leitores produção cultural de alto nível.

Responsabilidade essa, aliás, compartilhada com o renovo do Conselho Editorial, que também incorpora dois novos magistrados: Jorge Paulo dos Santos e Fernando Humberto dos Santos, ambos já aposentados e com respeitável e respeitada trajetória tanto na magistratura quanto na atuação cultural. A lamentar, apenas a perda recente do amigo desembargador Luiz Carlos Biasutti, que integrou o Conselho desde o início.

Não por acaso, dedicamos nossa capa a outra celebração bem mineira: a escolha do “*Clube da Esquina*” como o “*maior álbum de todos os tempos*” da música popular brasileira. Escolha que se dá no momento em que o álbum completa 50 anos e em que seu principal condutor, o trespontano Milton Nascimento, completa 80 anos de idade e se despede dos palcos em pleno vigor.

Celebração que nos faz lembrar do grande parceiro de “*Travessia*” e de nossa travessia, Fernando Brant, que, filho de magistrado, foi uma espécie de padrinho de *MagisCultura*, publicando crônica na primeira edição, como convidado; nesta edição, quem comparece é sua filha, Isabel Ferreira Brant, com sensível crônica sobre o pai.

Como sempre, esta edição nos traz variada e densa contribuição de nossos colegas magistrados, seja nos contos, crônicas e poemas, seja nos artigos e ensaios de temática variada, como o “*bloomsday*” comemorativo de James Joyce e a obra do escritor Paulo Setúbal.

Boa leitura e meu fraterno abraço aos colegas e demais leitores.

JD Luiz Carlos Rezende e Santos
Presidente

MagisCultura

Mineira

Amagis • Diretoria Triênio 2022-2024

Presidente: Juiz Luiz Carlos Rezende e Santos

Vice-presidente Administrativa: Juíza Rosimere das Graças do Couto

Vice-presidente Financeira: Juíza Roberta Rocha Fonseca

Vice-presidente de Saúde: Juiz Jair Francisco dos Santos

Vice-presidente do Interior: Juiz Lourenço Migliorini Fonseca Ribeiro

Vice-presidente Sociocultural-Esportivo: Desembargador Maurício Pinto Ferreira

Vice-presidente dos Aposentados e Pensionistas: Desembargadora Aposentada

Heloisa Helena de Ruiz Combat

Diretora-secretária: Juíza Ivone Campos Guillarducci Cerqueira

Diretor-subsecretário: Juiz Evandro Cangussu Melo

Diretora de Comunicação: Juíza Daniela Cunha Pereira

Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

ISSN 1984-5081

Coordenador de Comunicação: Bruno Gontijo (MTb - MG 11008)

• **Conselho Editorial:** Juiz Renato César Jardim (presidente), Desembargador Gutemberg da Mota e Silva, Desembargador João Quintino Silva, Juíza Aldina de Carvalho Soares, Juiz Fernando Humberto dos Santos, Juiz Jorge Paulo dos Santos, Jornalista Rogério de Faria Tavares (presidente da Academia Mineira de Letras) e Artista Plástico e Escritor Márcio Sampaio (membro da AML).

Editor Responsável: Jornalista Manoel Marcos Guimarães (JP 1587 / MG)

Proj. gráfico e editoração eletrônica: Rachel GM Magalhães (rachel@belohorizonte.com)

Ilustrações: Sandra Bianchi (sandrabianchi@gmail.com)

Impressão: Rona Editora | **Tiragem:** 2.450 exemplares

• **Envio de textos para publicação:** leia normas na terceira capa

Endereço para correspondência:

R. Albita, 194 . Cruzeiro . Belo Horizonte . MG . CEP 30310-160

Tel.: 31 3079-3453 . E-mail: magiscultura@amagis.com.br

www.amagis.com.br



Treze imprescindíveis autores mineiros da atualidade

Rogério Faria Tavares

Presidente da Academia Mineira de Letras (*)

Engenhosos no trato com as palavras, ao longo de três séculos os mineiros souberam erguer relevante patrimônio no campo da Literatura, legando à cultura brasileira expressiva contribuição, de que são expoentes, entre outras, as obras de Cláudio Manuel da Costa, Bernardo Guimarães, Júlio Ribeiro, Augusto de Lima, Alphonsus de Guimaraens, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Guimarães Rosa, Henriqueta Lisboa e Paulo Mendes Campos.

Na atualidade, não é menor a participação de Minas Gerais na vida literária nacional. Certos nomes, consolidados há um bom tempo, continuam em plena e vigorosa atividade. Um exemplo é **Silviano Santiago**, da chamada “*Geração Complemento*”. Ele lançou, no ano passado, o belo volume de memórias “*Menino sem passado*”, em que se recorda dos doze primeiros anos de sua vida. Natural de Formiga, no interior mineiro, Silviano também viu a Companhia das Letras relançar o incrível “*Em Liberdade*”, originalmente publicado em 1981. Ficção em que se imagina a vida do escritor alagoano Graciliano Ramos logo depois de sair da prisão, no Rio de Janeiro, o livro tem lugar garantido na estante das obras primas nacionais. Esse é também o caso de outros de seus livros: de “*Machado*”, de 2016; de “*Mil rosas roubadas*”, de dois anos antes, e, finalmente, de “*Stella Manhattan*”, de 1985. A faceta do crítico literário também merece a devida referência. Editado em 2004, “*O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*” é largamente adotado pelas faculdades de letras país afora.

Ivan Ângelo, do mesmo grupo, publicou, no final do ano passado, “*Sex shop: miscelânea libidinosa*”. Nascido em Barbacena, conquistou o reconhecimento nacional ainda bem cedo, quando o seu “*A Festa*”, escrito em 63 e relançado em 76, ganhou o Prêmio Jabuti, láurea que o autor levaria pela segunda vez em 95, com “*Amor?*”. Jornalista em Belo Horizonte e em São Paulo, Ivan foi cronista semanal da revista *Veja SP* entre 1999 e 2018, sagrando-se como um dos melhores da sua geração.

Já o contista **Luiz Vilela** voltou às livrarias, em agosto de 2021, com o excelente “*50 contos*”, antologia organizada pela Faria e Silva. Considerado um dos melhores contistas do país, compondo uma espécie de ‘santíssima trindade’ com Dalton Trevisan e Sérgio Sant’anna, Vilela tornou-se famoso pela publicação de “*Tremor de terra*”, em 1967, coletânea de contos que logo arrebatou o Prêmio Nacional de Ficção de Brasília. Outras de suas memoráveis antologias são “*No bar*” (1968), “*Tarde da noite*” (1970), “*O fim de tudo*” (1973), ganhador do Prêmio Jabuti, “*A cabeça*” (2002) e “*Você verá*” (2013). Entre os

romances de Vilela figuram “*Os novos*” (1971) e “*O inferno é aqui mesmo*” (1979).

Mineiro de Belo Horizonte, **Humberto Werneck** também reeditou, há pouco tempo, sua ótima coletânea de crônicas “*O espalhador de passarinhos*”. Da chamada “*Geração Suplemento*”, alusão ao periódico literário fundado por Murilo Rubião, em 1966, sob o incentivo do Governo Israel Pinheiro, Humberto Werneck exerceu por muitos anos o jornalismo em São Paulo, trabalhando em veículos como o “*Jornal da Tarde*”, a “*Veja*”, o “*Jornal da República*”, a “*Isto é*” e o “*Jornal do Brasil*”. Também assinou crônicas semanais no “*Estado de S. Paulo*”. O livro mais marcante de sua carreira é “*O desatino da rapaziada*”, de 1992, relançado há pouco tempo. Em 2008, Werneck lançou “*O Santo Sujo – a vida de Jayme Ovalle*”. Hoje, prepara a biografia de Carlos Drummond de Andrade para a Companhia das Letras.

Outra de quem não se pode nunca esquecer é **Adélia Prado**. Agora, a Record pôs no mercado uma caixa de luxo contendo quatro importantes livros de sua majestosa obra: “*Bagagem*”, “*O coração disparado*”, “*A faca no peito*” e “*Oráculos de maio*”. Professora por mais de duas décadas em Divinópolis, sua cidade natal, Adélia formou-se em Filosofia, mas, desde cedo, dedicou-se à Poesia. Sua estreia, em 1976, foi impulsionada por Drummond, que recomendou a publicação de seus versos para o editor Pedro Paulo de Sena Madureira. Sua prosa merece igual respeito. “*Solte os cachorros*”, reunião de contos, é de 1979. Um ano depois chegou “*Cacos para um vitral*”. Em 84 foi a vez de “*Os componentes da banda*”. Em quinze anos, veio “*Manuscrito de Felipa*” – os últimos três, romances.

De trajetória reconhecida em todo o país, **Luiz Ruffato** viu o seu “*Eles eram muitos cavalos*” completar duas décadas consagrado como clássico. O autor ainda brindou sua legião de leitores, nesse ano, com o ótimo “*A revista Verde, de Cataguases – Contribuição à história do Modernismo*”, com que celebrou a memória de personalidades notáveis da literatura mineira, como Rosário Fusco, Guilhermino César, Henrique de Resende e Ascânio Lopes. Natural de Cataguases, Ruffato formou-se em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora e trabalhou em diversos jornais mineiros até 1990, quando se transferiu para São Paulo, onde ainda atuaria por treze anos na imprensa. A partir de 2003, decidiu dedicar-se exclusivamente ao ofício da escrita. Estreou

(*) Jornalista, Doutor em Literatura. (Com este artigo, inauguramos a parceria com a Academia Mineira de Letras, que terá espaço permanente em todas as edições de *MagisCultura*.)

“[...] ao longo de
três séculos os
mineiros souberam
erguer relevante
patrimônio
no campo da
Literatura,
legando à cultura
brasileira expressiva
contribuição. [...] Na atualidade,
não é menor a
participação de
Minas Gerais
na vida literária
nacional.”

antes disso, em 1998, quando lançou a coletânea de contos *“Histórias de Remorsos e Rancores”*. Dois anos depois veio *“(os sobreviventes)”*, outra antologia. A famosa pentalogia *“Inferno Provisório”* começou a ser publicada em 2005, e é composta por *“Mamma, son tanto Felice”*, *“O mundo inimigo”*, *“Vista parcial da noite”*, *“O livro das impossibilidades”* e *“Domingos sem Deus”*.

Também residindo em São Paulo, **Frei Betto** acaba de lançar, pela Rocco, *“Tom vermelho do verde”*, romance histórico em que a questão indígena é posta em primeiro plano, num enredo que focaliza o drama vivido pelos Waimiri-Atroari a partir da construção da BR-174 em suas terras, na década de setenta. Frade dominicano, Carlos Alberto Libânio Cristo militou na Juventude Estudantil Católica (JEC), nos anos sessenta, e nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), nos anos setenta, depois que saiu da prisão, onde ficou entre 1969 e 1973. Nesse período surgiu um de seus livros mais traduzidos, *“Cartas da Prisão”*. Outro clássico de Frei Betto é *“Batismo de sangue”*, ganhador do Prêmio Jabuti, volume em que trata de temas como a fé cristã e a ação política revolucionária contra a ditadura militar no Brasil.

Conceição Evaristo firmou-se no cenário nacional pela força de romances como *“Ponciá Vicêncio”* e *“Becos da Memória”* e de coletâneas de contos como *“Insubmissas lágrimas de mulheres”*, *“Olhos d’água”* e *“Histórias de leves enganos e parecenças”*. Sua poesia, no entanto, também fixou forte impressão nos leitores, como provou o sucesso de *“Poemas de recordação e outros movimentos”*. Mineira de Belo Horizonte, Conceição concluiu o curso Normal na capital do estado, mas optou por mudar-se para o Rio de Janeiro, em 1973, em busca de progressão na carreira docente. Em terras fluminenses, terminou a graduação em Letras, na UFRJ, e lecionou na rede pública de ensino até 2006. Mestra em Literatura Brasileira e Doutora em Literatura Comparada, seus primeiros versos foram publicados em 1990, no número 13 dos famosos *“Cadernos negros”*, fundados ainda em 1978 para difundir a produção dos autores afro-descendentes.

De Juiz de Fora, onde leciona, como professor titular, na Universidade Federal, ecoa a potente voz de **Edmilson de Almeida Pereira**, um dos mais importantes escritores da cena contemporânea. Mestre em Literatura Portuguesa e em Ciência da Religião, é Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ, com pós-doutorado em Literatura Comparada pela Universidade de Zurique. Sua intensa produção inclui *“Dormundo”*, livro de estreia, de 1985; *“Livro de falas”*, de 87; *“Corpo vivido”*, de 91, até chegar na *“Poesia + (antologia 1985-2019)”* e aos premiados romances *“Front”*, *“O ausente”* e *“Um corpo à deriva”*.

Igualmente notável é a trajetória de **Ricardo Aleixo**, que assina *“Modelos vivos”*, de 2010; *“Antiboi”*, de 2017; *“Pesado demais para a ventania”*, de 2018, e *“Extraquadro”*, de 2021. Estreando em livro em 1992, com *“Festim”*, Ricardo integra o seu fazer literário a outras formas de expressão artística, como o Teatro, a Música e a Dança.

De Patos de Minas, **Maria Esther Maciel** seguiu carreira na Faculdade de Letras da UFMG, onde se aposentou, como professora de Literatura Comparada. Hoje leciona Teoria Literária na Unicamp. Mestre em Literatura Brasileira e Doutora em Literatura Comparada, fez pós-doutorado em Literatura e Cinema pela Universidade de Londres. Pesquisadora renomada, é ensaísta, resenhista do jornal Folha de S. Paulo e poeta. Entre seus livros, estão *“Dos haveres do corpo”*, *“Triz”* e *“Longe, aqui – Poesia incompleta (1998 – 2019)”*. Sua estreia na Ficção se deu com *“O livro de Zenóbia”*, finalista do Prêmio Portugal Telecom em 2005. É a coordenadora editorial da *“Revista Olympio – Literatura e Arte”*, ao lado de José Eduardo Gonçalves, Maurício Meireles e Júlio Abreu.

Mineira de Belo Horizonte e nome já consagrado nacionalmente, **Ana Martins Marques** publicou o primeiro livro, *“A vida submarina”*, em 2009. Depois vieram *“Da arte das armadilhas”*, *“O livro das semelhanças”*, *“Livro dos jardins”* e *“Risque esta palavra”*. Mestre em Literatura pela UFMG, defendeu dissertação sobre a obra do ficcionista gaúcho João Gilberto Noll. É revisora e redatora na Assembleia Legislativa de Minas Gerais.

Ana Elisa Ribeiro transita com impressionante desenvoltura entre a poesia, o ensaio, a crônica e a literatura infanto-juvenil. Seus livros para jovens são lidos por estudantes do Brasil inteiro. Cito, aqui, apenas dois: *“O e-mail de Caminha”* e *“Romietta e Julieu”*. Professora titular do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG), leciona no Bacharelado em Tecnologias da Edição e no programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens.

E paro por aqui. Por absoluta impossibilidade de prosseguir. Escritores mineiros de talento é o que não falta na atualidade, e a lista ocuparia páginas e páginas dessa excelente *“MagisCultura”*, de cujo Conselho Editorial tenho agora a honra de fazer parte, representando a Academia Mineira de Letras. Que os leitores dessa indispensável publicação prestigiem sempre a Literatura produzida a partir de Minas!

“Escritores mineiros de talento é o que não falta na atualidade, e a lista ocuparia páginas e páginas dessa excelente *MagisCultura*. Que os leitores dessa indispensável publicação prestigiem sempre a Literatura produzida a partir de Minas.”



Bloomsday

O culto anual a Joyce e ao amado personagem de ‘Ulysses’

Gutemberg da Mota e Silva

Desembargador do TJMG, aposentado

Há décadas, sobretudo e especialmente na Irlanda, devotos do escritor James Joyce (1882-1941) celebram anualmente, a cada 16 de junho, o chamado *Bloomsday*, Dia do Bloom, inspirado em Leopold Bloom, o Poldy, personagem do seu difícil e polêmico romance *Ulysses*, paródia do poema *A Odisseia*, de Homero, poeta grego cego. Realizam-se variados eventos culturais, cortejos, nas ruas dublinenses, de fãs travestidos do autor e dos seus personagens, danças irlandesas, leitura e declamação de seus textos, conferências, bebedeiras nos pubs de Dublin, terra natal do ficcionista, e em bares pelo mundo afora, incluído o Brasil.

Raríssimos são os casos de comemoração de uma data imaginada por um escritor. Tendo Joyce situado a ação do *Ulysses* num só dia, o de 16 de junho de 1904, quinta-feira, narrando principalmente o périplo de Bloom por 19 ruas de Dublin, os admiradores aproveitam a data para celebrar o personagem mais amado do enorme romance e, em consequência, seu criador.

Ao propagar, em outra obra de Joyce, sua edição do *Ulysses*, a Penguin – Companhia das Letras relata: *“Um homem sai de casa pela manhã, cumpre com as tarefas do dia e, pela noite, retorna ao lar. Foi em torno deste esqueleto enganosamente simples, quase banal, que James Joyce elaborou o que veio a ser o grande romance do século XX. Inspirado na Odisseia, Ulysses é ambientado em Dublin, e narra as aventuras de Leopold Bloom e seu amigo Stephen Dedalus ao longo do dia 16 de junho de 1904. Tal como o Ulisses homérico, Bloom precisa superar numerosos obstáculos e tentações até retornar ao apartamento na rua Eccles, onde sua mulher Molly o espera. Para criar esse personagem firme e vibrante Joyce misturou numerosos estilos e referências culturais, num caleidoscópio de vozes que tem desafiado gerações de leitores e estudiosos ao redor do mundo. O romance é um divisor de águas pelo êxito de Joyce em esticar e moldar a língua inglesa ao limite, a fim de retirar disso um retrato fiel, divertido e comovente do que se convencionou chamar de o ‘homem moderno’”* (Exílios e poemas).

Em ensaio no *Ulysses*, edição da Companhia das Letras, de 2022, o crítico suíço Fritz Senn – ex-presidente da *International James Joyce Foundation* e ex-integrante do quadro de editores dos maiores periódicos acadêmicos ligados à obra do romancista –, afirma que o mais respeitado biógrafo de Joyce, Richard Ellmann, observou que Bloom era “candidato

improvável a ter um dia no calendário com seu nome”, o que ocorreu, contudo, “graças ao consenso tácito da hiperativa comunidade joyciana, que nos deu o *Bloomsday*, comemorado no mundo todo, de Sidney a Tóquio.” (*Ulysses: um jogo inesgotável*).

A capital irlandesa, Dublin, ilha do Reino Unido, é o cenário no qual se passa, em 18 horas daquele dia, das oito da manhã às duas da madrugada, toda a ação das mais de 700 páginas do discutido romance, pleno de acontecimentos absolutamente normais, corriqueiros. A origem remota do *Bloomsday*, acolhido efetivamente pelo governo da Irlanda sobretudo a partir do centenário do escritor, em 1982, é a festa que em 1924 os amigos dele promoveram em Paris para ajudá-lo, pois, com doenças na vista [irite, glaucoma, entre outras] e submetido a várias cirurgias, estava em dificuldades financeiras. Contudo, a primeira comemoração do evento ocorreu em 1954, sendo hoje importante produto cultural da Irlanda.

“Hortênsias brancas e azuis, tingidas”

A ensaísta, escritora e tradutora catarinense Dirce Waltrick do Amarante afirma, num dos sete ensaios da referida edição de *Ulysses*, que em 1924, de Paris, Joyce escreveu à sua mecenas, a inglesa Harriet Swaw Weaver, noticiando o tratamento da vista e contando: *“Há um grupo de pessoas que celebram aquilo que elas chamam de Bloom’s day – 16 de junho. Eles me enviaram hortênsias, brancas e azuis, tingidas. Tenho de me convencer a mim mesmo que escrevi esse livro. Eu era capaz de falar com ‘inteligência’ sobre ele.”* (Auto de fé e *Bloomsday*).

O ensaísta John McCourt – professor de literatura inglesa na Universidade de Macerata, Itália, e autor de diversos livros sobre Joyce e literatura inglesa – afirmou, na mesma edição, que “o ano de 1954 viu a primeira comemoração do *Bloomsday* depois de R. Shelton Scholefield, mais conhecido como ‘o homem de bem chamado Sam Suttle’, publicar uma carta no *Irish Time* em abril de 1951 propondo a fundação de uma sociedade James Joyce em Dublin, a fim de recolher material dele e redimir ‘a pecha sobre memória de Joyce’”.

Assinalou que “foi o humor de Joyce, bem como a sua capacidade de dissecar a sociedade que o formou, que moveu uma nova geração nos anos 1950 a celebrar *Ulysses*. Isso ficou claríssimo na edição especial de 1951 do periódico literário irlandês

“Num cabriolé antigo, devotos de Joyce e um parente distante do escritor visitaram todos os lugares mencionados no livro para marcar o quinquagésimo aniversário do ‘Dia de Ulysses.’ O resto de Dublin não percebeu nada.”

de John Ryan, *Envoy*, que comemorava o décimo aniversário da morte de Joyce com uma série de reflexões de personalidades literárias irlandesas sobre o escritor.” Acrescentou que o elenco de colaboradores se originava “sobretudo do grupo inconformista e boêmio com que Ryan costumava se reunir quase sempre no pub McDaid’s na Harry Street.” (*Ulysses na Irlanda*).

Num cabriolé antigo, o primeiro Bloomsday

Os planos para organizar o primeiro Bloomsday comemorativo em Dublin ficaram prontos em poucos meses. Foi mais tarde descrito pelo *Irish Times* como a “peregrinação mais estranha” já vista na cidade: “Num cabriolé antigo, devotos de Joyce e um parente distante do escritor visitaram todos os lugares mencionados no livro para marcar o quinquagésimo aniversário do ‘Dia de Ulysses.’ O resto de Dublin não percebeu nada.” [O Dicionário Aulete registra: “Cabriolé. Carruagem pequena, com duas rodas altas e capota retrátil, puxada por um só cavalo.”]

Participaram da peregrinação o jovem crítico Anthony Cronin; o escritor Brian O’Nolan; o poeta Patrik Kavanagh; John Ryan, editor da *Envoy: A Revista de Literatura e Arte*; e o dentista Tom Joyce (sobrinho de Joyce). McCourt acrescentou à lista mais um nome: Con Levanthal. Kavanagh imortalizou a peregrinação num poema: “*I made the pilgrimage/In the Bloomsday swelter/From the Martello Tower/To the cabby’s shelter.*” [Mccourt assim o traduziu: “*Fiz peregrinação/o quente Bloomsday inteiro/Desde a torre Martello/Ao abrigo do cocheiro.*”]

Nesse primeiro Bloomsday, narra Dirce do Amarante, cada membro assumiu a identidade de um determinado personagem do livro, e os cinco deram início à caminhada pelas ruas de Dublin com a intenção de refazer o percurso de Leopold Bloom e seus comparsas. Ryan filmou parte do evento. Até hoje esse modelo de Bloomsday é um dos mais cultuados ao redor do mundo, de modo que Bloom anda pelas ruas de São Paulo, Los Angeles etc” (*Ulysses*).

Bloom, “faceta essencial do gênio de Joyce”

O crítico norte-americano Harold Bloom – esclarecendo que, apesar do mesmo nome, não tinha afinidades com Poldy – afirmou que utilizaria o personagem “como representante de uma faceta essencial do gênio de Joyce.” Para ele, “a personalidade de Leopold Bloom certamente demonstra relação com a personalidade de Joyce”.

Observou que “se até os zeladores de Balzac são gênios, como disse Beaudelaire, então, o amável Poldy aproxima-se mais da genialidade do que qualquer outro personagem de Ulysses, pois Poldy contém vários elementos tanto de Joyce quanto do Shakespeare segundo Joyce. Vou mais além: de todos os personagens da literatura do século XX, Leopoldo Bloom é o mais shakespeariano, digno de figurar ao lado de Botto, Falstaff, Hamlet, Otelo (...). Joyce, identificando no Odisseu (em latim, Ulysses) de Homero o paradigma da completude, fez de Poldy a representação humana mais completa que existe na ficção em prosa.” (*Gênio*).

No lançamento, o cartaz: "The scandal 'Ulysses'"

A edição originária da obra, a tradução francesa, foi lançada há um século, em 2 de fevereiro de 1922, em Paris. Na nota do tradutor da primeira edição de *Ulysses* em Portugal, João Palma-Ferreira afirma que parece depreender-se de uma carta do autor que, ao chegar a Paris, em 1920, "*Joyce já levava consigo o volumoso manuscrito do romance. Depois de degradantes peripécias e perseguições que assinalaram a tradução francesa, devida a Auguste Morel*" e revista, entre outros, pelo próprio Joyce, "*provocou o efeito de uma bomba (...) e motivou as mais variadas controvérsias e discussões*".

Acrescentou que o romance, "*na edição em língua inglesa, considerada obra pornográfica, acabou por ser proibido em todos os países anglo-americanos. De nada valia a Joyce a glória mundial que lhe trouxera Ulisses. Na Inglaterra e nos Estados Unidos os exemplares da obra foram queimados pelas autoridades alfandegárias e cedo proliferaram as edições piratas, apesar dos protestos do escritor, que ainda em 1937 no plenário do Congresso dos Pen-Clubs, em Paris, (...) continuava a queixar-se — e, em vão, contra as discriminações de que era alvo*".

Os primeiros episódios da obra já vinham sendo publicados desde 1918, em Nova Iorque, pela revista literária *The Little Review*, e pela revista *The Egoist*, de Londres, em 1919 (Joyce).

Impressos na tipografia Darantière, de Dijon, França, com 732 páginas, dois exemplares ficaram prontos a tempo de chegar a Paris para marcar o aniversário de quarenta anos de James Joyce", conta o tradutor da já citada terceira edição brasileira de *Ulysses* (a da Companhia das Letras), professor Caetano W. Galindo, da Universidade Federal do Paraná: "*Um foi para a casa do autor, outro para a vitrine da livraria Shakespeare and Company, cuja proprietária, Sylvia Beach, foi a corajosa publisher deste livro polêmico, que por algum tempo parecia que ninguém iria querer lançar*". [Numa difundida foto nessa livraria parisiense que o editou, mostrando Sylvia e Joyce, lê-se num cartaz: "*The scandal Ulysses*".

Enigmas e quebra-cabeças visando à imortalidade

Muito comprado, mas nem tanto lido, pois considerado obscuro, impenetrável, pornográfico, imoral, *Ulysses* às vezes leva leitores a desistirem da leitura. Tradutor de *Ulisses* para a Penguin-Companhia das Letras em 2012, revisor geral da própria tradução, em 2022, para aquela companhia, preciosa fonte deste texto, e há mais de vinte anos envolvido na versão das obras de Joyce para a língua portuguesa, Caetano Galindo publicou em 2016, republicando-o em 2020, *Sim, eu digo sim*, uma visita guiada ao *Ulysses* de James Joyce, para facilitar a compreensão do livro, por ele considerado "*estranho, incomparável*".

O próprio Joyce, muito vaidoso, não procurou facilitar a sua leitura. Prefaciando em 2012 edição portuguesa de *Retrato do artista quando jovem*, da Relógio d'Água Editores, Paulo Faria evoca esta célebre fala de Joyce a propósito de *Ulysses*: "*Incluí no texto tantos enigmas e quebra-cabeças que este livro irá manter os eruditos ocupados durante séculos, a discutir uns com os outros o que eu queria dizer, e essa é a única forma de assegurar a imortalidade*".

“Na edição em língua inglesa, considerada obra pornográfica, acabou por ser proibido em todos os países anglo-americanos. De nada valia a Joyce a glória mundial que lhe trouxera *Ulisses*.”

“Tão vivos estão, que superam em plenitude vital aos seus próprios criadores e fazem esquecê-los, como num semi-anominato.”

Um abraço para quem nunca existiu

Na “Nota do tradutor” de *Ulysses*, Caetano Galindo afirmou que, impossibilitado de agradecer a James Joyce, que lhe deu “*ainda mais do que à maioria dos leitores dos últimos cem anos*”, e, diretamente, a todos os responsáveis pela edição, as mudanças que a tradução trouxe à sua vida, agradecerá a duas pessoas, “*uma inexistente, outra desconhecida. Fica aqui portanto meu abraço profundamente comovido para Leopold Bloom, um dos seres humanos que eu mais amo nesta vida, meu amigo constante e meu herói da vida comum; e para você, que retorna a Joyce através do meu texto, ou que agora pela primeira vez decide tentar percorrer o caminho dessa esplendorosa odisseia dublinense.*”

“Seres ilusórios que nos surgem revestidos de carne”

Autor de *História da literatura ocidental*, em quatro densos volumes, o crítico literário austríaco, naturalizado brasileiro, Otto Maria Carpeaux destacou: “*A literatura universal chega ao cume na criação daquelas personagens típicas, representantes simbólicas da humanidade: Dom João e Fausto, Hamlet e Dom Quixote, Édipo e Till Eulenspiegel [popular personagem do folclore alemão]. Ousamos juntar-lhes, apenas, Sir John Falstaff, o marujo Robinson Crusoe, o farmacêutico M. Homais [Monsieur Homais, personagem de Madame Bovary, de Gustave Flaubert], o estudante Raskolnikov [personagem de Crime e castigo, de Dostoiévski], e poucos outros; pois, nestes últimos casos, a nacionalidade e a época já limitam a universalidade do símbolo. Mas aqueles permanecem como criações de tanta validade universal, de tanta substância humana, que atravessam todos os limites do tempo e do espaço. Ficam fora do alcance de toda crítica estética. Tão vivos estão, que superam em plenitude vital aos seus próprios criadores e fazem esquecê-los, como num semi-anominato. À custa da vida literária dos seus autores, adquirem uma vida humana mais do que qualquer homem de carne e sangue, uma vida eterna.*” (Ensaaios reunidos. 1942-1978, v. I.).

A escritora Nélida Piñon escreveu num ensaio: “*Mas, graças à arte literária, que convive fundamentalmente com a esperança do inefável e do poético, aceitamos a ilusão do mundo, e dos sentimentos que nos habitam, como premissas para a existência da própria obra de arte. Para deste modo acolhermos a existência anímica de Aquiles [personagem de A Odisseia], de Karamasoff (sic), de Don Quijote, estes seres ilusórios que nos surgem revestidos de carne.*” (Aprendiz de Homero).

Dia do início da intimidade do casal

Especula-se sobre a razão de ter Joyce escolhido o dia 16 de junho de 1904 para nele situar toda a ação do romance. Ele conhecera Molly no dia 10 de junho de 1904 e, no dia 16, encontrou-se com ela. Lembrou Fritz Senn que o biógrafo Richard Ellmann afirmou que, ao escolher aquele dia, “*Joyce estaria celebrando seu primeiro momento de intimidade com Nora Barnacle naquele mesmo dia. Talvez, mas é estranho que justo nesse dia glorificado Bloom reste sozinho e traído, e acima*

de tudo que Stephen Dedalus, no lugar de Joyce, não encontre uma companheira para a vida e precise ir a um bordel; e em vão, para piorar." (*Ulysses: um jogo inesgotável*).

O escritor português André Canhoto Costa entendeu que Joyce respondera a um drama familiar com "uma das primeiras exposições públicas de bebedeira, na memorável noite em que conhecera Nora Barnacle, uma jovem de 20 anos a trabalhar como criada de hotel" [o Finn's Hotel]. Se o primeiro contato sexual foi ou não na primeira vez no dia 16 de junho, não podemos saber, mas parece claro que o catolicismo [durante a Reforma enfraquecido pelo protestantismo dominante] impediu o casal de manter relações sexuais mais íntimas." Acrescenta que, naquele encontro, "o jovem candidato a escritor ficou para sempre reduzido à condição de amante daquela rapariga simples e despachada." (*Os vícios dos escritores*).

Registra uma cronologia de Joyce, escrita por Caetano Galindo em *Dublinenses*, que Joyce conheceu Nora durante um passeio pelo centro da cidade [Paris]. "Depois de ela não conseguir comparecer ao primeiro encontro que eles tentam marcar, os dois saem juntos no dia 16 de junho, data em que posteriormente Joyce localizará a ação do seu romance *Ulysses*" (*Dublinenses*).

"Temia gato preto" e "cismava com datas"

Já o biógrafo S.L. Goldberg afirma: "Joyce foi sempre muito supersticioso. Temia gato preto, trovões, cachorros e cismava com determinadas datas. Muitas vezes suportou enormes sofrimentos por causa desses sentimentos supersticiosos." Depois de lembrar que escreveu a maior parte de *Ulysses* no seu exílio voluntário [de dez anos] em Zurique, Goldberg observa: "A publicação de seus livros foi cuidadosamente planejada de modo que o destino se tornasse auspicioso (...) E ninguém teria se regozijado mais do que ele, podemos estar certos, com a sutil coincidência de sua morte em Zurich." (Joyce).

Começou a beber massivamente com um amigo

André Canhoto Costa relata que Joyce "começou massivamente a beber na companhia do amigo Gogarty", um estudante de Medicina com quem conviveu alguns dias na torre Martello. Em Dublin "bebida cerveja Guinness [ou Power ou JJ & S], mas a sua capacidade de absorver álcool era escassa e atingia muitas vezes o colapso (...) Bebia várias garrafas de vinho por dia, até altas horas da madrugada. O álcool afetava sobretudo as pernas, mas como o Joyce era bastante magro, era fácil aos amigos carregarem-no para casa."

Às vezes, Joyce ia ao Teatro Nacional e conseguia assistir aos ensaios das peças, pois os atores, enquanto descansavam, gostavam de ouvi-lo tocar e dançar. Um "excelente tenor", na juventude em Dublin Joyce atuava em "igrejas, concertos e festas, sobretudo de música tradicional inglesa", escreveu, no caderno Mais da Folha de S. Paulo, a crítica brasileira Walnice Nogueira Galvão: "Parece que Nora não era muito fã do talento do escritor, mas sim de sua voz. Tanto o pai de Joyce, adorado pelo filho, quanto Nora acreditavam que ele deveria ter feito carreira como cantor em vez de perder tempo a escrever

"A publicação de seus livros foi cuidadosamente planejada de modo que o destino se tornasse auspicioso (...) E ninguém teria se regozijado mais do que ele, podemos estar certos, com a sutil coincidência de sua morte em Zurich."

bobagens que ninguém entendia.” (Joyce e Proust – O diálogo que não houve).

Pequenos acontecimentos de um dia comum

Fritz Senn assinalou que Joyce faz Bloom passar por aventuras cotidianas, nada espetaculares. *“Ele trabalha como comissionado, procurando anunciantes para a imprensa (uma profissão moderna naqueles dias), vai a um enterro, visita uma igreja, faz refeições, não se sente muito à vontade num pub, aconselha uma família, visita uma maternidade, desenvolve uma atitude paternal em relação ao desamparado Stephen Dedalus e chega até a ir atrás dele à área dos bordéis da cidade (quase sem passar por experiências eróticas), ajuda o rapaz numa briga e o leva para sua casa mas o vê recusar seu convite para passar a noite ali.” (Ulysses: um jogo inesgotável).*

Professora de literaturas de língua inglesa da Universidade de São Paulo e autora de obras sobre o romance inglês, a ensaísta Sandra Guardini Vasconcelos afirma, na referida edição de *Ulysses*, que *“a perambulação de Bloom pelas ruas de Dublin é uma versão rebaixada da viagem épica de Odisseu: em um arco temporal de menos de 24 horas, Joyce consegue condensar a história de vida de Bloom, a história irlandesa, quase toda a literatura de língua inglesa, variações e registros da língua inglesa ao longo de sua história, uma gama de sons, pessoas, lugares e cenários, e uma complexa rede de relações sociais” (James Joyce: um mestre do romance).*

O biógrafo Jean Paris observa que, diante do *Ulysses*, a história das letras se encontra como que “com uma hidra absoluta, que tem algo do poema, do drama, do ensaio, da farsa, da narrativa, da reportagem, como do sermão, da ópera, do apólogo ou do tratado. Cem estilos se misturam, se correspondem, do elegíaco ao chulo, do jurídico ao pastoral, do religioso ao erótico, do científico ao demencial, convocados como que por uma perpétua magia. Só o capítulo VII, por exemplo, modelo da eloquência jornalística, comporta nada menos do que 96 figuras de retórica, metonímia, quiasma, metáfora, anáfora, sinédoque, assíndeto, anacoluto, hipérbato...” (Joyce).

Senhamor, senterra, deixaqueuchuto...

Caetano Galindo afirma que Joyce detestava hifens. Também não gostava muito de vírgulas. A recusa de usar hifens acaba gerando a criação de várias palavras aparentemente novas. No terceiro episódio de *Ulysses*, o autor descreve Kevin Evan como alguém *senhamor, senterra, boquimensa, senhesposa* e, na descrição do Cidadão, no episódio 12, como alguém que tem *sardasmuitas, barbirsuta, boquimensa, ventasgrandes, longocrânio, vozprofunda, pernasnuas, mãosselvagem, pépiloso, rostorrubro, braçoforte*. Em outro ponto, refere-se ao “*Deixaqueuchuto Holohan*”.

“A solidão e a
compaixão para
consigo mesmo
o ameaçam o dia
inteiro e finalmente
explodem nas
desenfreadas e
impotentes fantasias
de Circe.”

S.L. Goldberg afirma que “*Bloom está isolado em dobro e em triplo. Como judeu húngaro convertido, está afastado de seu passado racial e, no entanto, não é irlandês; seu pai suicidou-se em desespero; seu único filho, Rudy, morreu na infância. Sua filha, Milly, saiu de casa; e ele está somente sexualmente separado de sua esposa, Molly, mas também sabe que ela não lhe é fiel e que, de fato, se estará encontrando com seu atual amante Blazes Boylan, nesta mesma tarde [de 16 de junho de 1904]. Ele é desprezado e ridicularizado. A solidão e a compaixão para consigo mesmo o ameaçam o dia inteiro e finalmente explodem nas desenfreadas e impotentes fantasias de Circe*” [feiticeira, personagem de *A Odisseia*]” (Joyce).

Irlandês, dialetos, gírias

Ulysses foi escrito “na língua de Shakespeare”, escreveu Carpeaux em meados do século XX, acrescentando: “Mas não é tanto assim: Imaginem uma língua inglesa, misturada com grossos pedaços de dialeto irlandês e de vários outros dialetos das ilhas britânicas; salpicada com expressões da gíria ou antes das diferentes gírias de classes que não costumam exprimir-se literariamente, além da presença da gíria ainda mais esquisita dos estudantes de medicina e dos pintores fracassados (...); imaginem esse complicado produto linguístico entremeado de numerosíssimas reminiscências, meio citações e alusões veladas a todas as leituras possíveis, Bíblia e dos filósofos escolásticos até Carlyle e Ruskin, e não apenas de leituras inglesas, mas também de obras escritas em língua grega, latina, francesa, italiana, espanhola, alemã, hebraica, sânscrita etc. etc., empregando-se sem cerimônia palavras de todos esses idiomas: enfim, para não esquecer, o uso parcial de um idioma inédito, composto da lavra do próprio James Joyce – e compreenderão porque a grande maioria dos leitores ingleses, mesmo dos leitores muito cultos, não consegue ler *Ulysses*.” (*Ulysses*, em *Ensaio reunidos*)

Primogênito dos dez filhos de família próspera, depois empobrecida, James Augustine Aloysius Joyce nasceu em 2 de fevereiro de 1882 na Brighton Square, Rathgar, hoje subúrbio de Dublin. Estudou em escolas de jesuítas. Em 1900 publicou ensaio sobre o teatro de Ibsen. Em 1902 se mudou para Paris, para estudar Medicina e ali frequentou aulas e escreveu poemas, iniciando sua carreira literária. Notícia sobre doença fatal da mãe fê-lo retornar às pressas a Dublin em 1903. Em outubro de 1904, ele e Nora foram para Pola, hoje Croácia, e em 1905 para Trieste (Itália). Permaneceu em Trieste até 1915 e quando voltou, por causa da guerra, ficou até 1919, fixando-se depois em Zurique até falecer, em 1941. No exílio deu aulas de inglês. Em Dublin abriu um cinema, Volta, empreendimento fracassado. Em Paris chegou a passar fome.

Publicou *Música de Câmara*, poemas (Londres, 1907), *Dublinenses*, contos (Londres, 1914); *Um Retrato do artista quando jovem*, romance (Nova Iorque, 1916), *Exilados*, peça (Londres, 1918), *Ulysses* (Paris, 1922), *Finnegans Wake*, romance, bem mais difícil do que o *Ulysses* (Nova Iorque, 1939), *Stephen Hero*, romance (Londres, póstumo, 1944) e *Cartas de James Joyce* (Londres, 1957, póstumo). Começou a escrever *Ulysses* em 1914 concluindo-o em 1921. Estabeleceu-se novamente em Paris. A irrite o levou a outras doenças da visão e a extrair vários dentes. Terminaria a vida quase completamente cego.

“Imaginem esse complicado produto linguístico entremeado de numerosíssimas reminiscências, meio citações e alusões veladas a todas as leituras possíveis, Bíblia e dos filósofos escolásticos até Carlyle e Ruskin.”

“Fenômeno ímpar da história da literatura, são cartas de sexo explícito, de um nível de carnalidade só comparável à obra de Sade e aos poemas de Catulo.”



Quando jovem, não era “santo”

A crítica literária Walnice Nogueira Galvão afirmou no artigo citado que, quando jovem, Joyce não era um “santo”. Analisando a sua correspondência, afirmou que pode ser dividida em duas vertentes, as cartas para Nora e as para os demais destinatários. Referindo-se àquelas, escreveu: *“Chegamos aqui à parte mais picante, e mais espinhosa de lidar, da correspondência de Joyce, as cartas à mulher. Fenômeno ímpar da história da literatura, são cartas de sexo explícito, de um nível de carnalidade só comparável à obra de Sade e aos poemas de Catulo. Ou talvez, mais perto do leitor, à musa pornográfica luso-brasileira de, entre outros, Gregório de Matos e Bocage. Esbanjam candura de molde a empalidecer as de dom Pedro 1º à marquesa de Santos. E as citações passam a ser praticamente impossíveis”* (Joyce e Proust – O diálogo que não houve).

Corpo de Joyce ficou em Zurique

Joyce se exilou voluntariamente em Paris, Trieste, Zurique, também para escapar das duas guerras mundiais. Foi acusado de neutralidade em face dos problemas da Irlanda. Negou. Quando disseram que deveria voltar a Dublin, rebateu, dizendo que na verdade nunca saíra de lá.

Ao visitar a Irlanda em 1909, com o filho, sem Nora, que ficara em Trieste, ouviu comentário maldoso sugerindo traição dela, o que explicaria suas cartas de natureza erótica, chamadas “*cartas sujas*”. Lê-se também na citada cronologia que nessa ocasião Nora parece pensar em abandonar Joyce, mas acaba lhe enviando telegrama com apenas uma palavra, *Sim*, a mesma com que o escritor encerrou o monólogo interior de Molly Bloom, com quarenta mil palavras, sem pontuação nem pausa, encerrando também o romance.

Joyce e Nora, que se casaram em 4 de julho de 1931, viveram maritalmente de 1904 até a morte dele, em 13 de janeiro de 1941, em Zurique, acometido de peritonite e úlcera perfurada. Foi sepultado em cova simples no cemitério Fluntern, de Zurique. O casal teve dois filhos, Giorgio e Lúcia, nascidos em Trieste, e um neto, Stephen. Lúcia, doente mental, viveu internada de 1951 até falecer, em 1982, em Northampton, Inglaterra. Ao lado da sepultura dela, no cemitério Kingsthorpe, inaugurou-se estátua de Joyce, hoje local de comemoração do Bloomsday. Giorgio morreu em 12 de junho de 1976, na Alemanha. Stephen faleceu em 2020.

Nora morreu em 10 de abril de 1951, sendo sepultada no mesmo cemitério, não ao lado de Joyce. No dia 16 de junho de 1966, Bloomsday, os corpos foram trasladados para uma sepultura honorária no Fluntern, oferecida pela cidade de Zurique. O difícil relacionamento entre Joyce e a Irlanda católica teria impedido que se trasladasse o corpo de Joyce para Dublin, como desejava Nora.

Referências bibliográficas

- *Ulysses*. James Joyce, 1ª. ed., com ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2022;
- *Ulysses*. James Joyce. 1ª. ed.– São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012;
- *Ulisses*. James Joyce. Porto, Portugal, 1ª. ed. na Livros do Brasil: Porto Editora, 2022;
- *Retrato do artista quando jovem*. James Joyce, Lisboa: Relógio D'Água Editores. 1ª. ed., 2022;
- *Dublinenses*. James Joyce. 1ª. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018;
- *Exílios e Poemas*. James Joyce. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2022;
- *Os vícios dos escritores*. André Canhoto Costa. Porto Salvo, Portugal: Edições Desassossego, 2017;
- *(Joyce)*. Jean Paris. Rio: Ed.José Olympio, 1992.
- *Ensaio reunidos*, vols.I e II, Otto Maria Carpeaux, Rio: UniverCidade – Topbooks, 1999 e 2005;
- *Aprendiz de Homero*. Nélida Piñon. Rio – São Paulo: Editora Record, 2008;
- *Lições de literatura russa*. Vladimir Nabokov. Rio - São Paulo: Três Estrelas, 2014);
- *Gênio: Os 100 autores mais criativos da história da literatura*. Harold Bloom. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003);
- *Joyce*. S.L. Goldberg. Rio: Civ. Brasileira, 1968);
- *Folha de S.Paulo*, caderno Mais!, 30-7-2000, p. 18 e 19).
- *A Odisseia*. Homero. (Texto integral) Jandira, São Paulo: Principis, 2020.

“Nora parece pensar em abandonar Joyce, mas acaba lhe enviando telegrama com apenas uma palavra, Sim, a mesma com que o escritor encerrou o monólogo interior de Molly Bloom, com quarenta mil palavras, sem pontuação nem pausa, encerrando também o romance.”



Excelsior, o centenário de Stan Lee!

Roberto Soares de Vasconcellos Paes
Desembargador do TjMG

No início, os símbolos e histórias eram relativos à gênese do mundo e dos deuses, às divindades e às lendas heroicas, tinham valores de dogmas e realidades, inspirando os homens. Aliás, em questão de fé, segundo o pensamento do francês P. Commelin, a incapacidade da ciência para explicar tudo de forma cabal e satisfatória nos dirige aos nossos corações e imaginações.

O saudoso professor João Etienne Filho citava Pirandello, que, *“do alto do seu escritório, no centro de Roma, afirmava que Hércules, Heitor, Fausto e muitas outras figuras da imaginação tinham mais realidade que o vendedor de jornais da esquina ou que seu motorista [...]”*, ou, eu acrescento, que todos nós, quando ausentes das paixões, os sonhos, as aventuras, as lutas, as artes e a verdade.

Existe um *“Dicionário de Lugares Imaginários”*, redigido por Alberto Manguel e Gianni Guadalupi, com a intenção confessa de ser um guia de viagem para lugares da literatura que suscitam em nós a *“verdadeira façanha da ficção, lugares sem os quais o mundo seria muito mais pobre”*.

Os verbetes vão de *“Abadia da Rosa”*, de Umberto Eco, cuja mais notável construção era a biblioteca, com portas ciosamente guardadas pelo bibliotecário-chefe, ou por uma passagem secreta através do ossuário, até *“Zuy”*, o próspero reino de Elfos, na Holanda, criado por Sylvia Townsend Warner.

A edição brasileira foi enriquecida com alguns lugares famosos da nossa literatura, como *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, *Antares*, *O Ateneu*, *o Liso do Sussuarão* e *Pasárgada*.

Jorge Luís Borges escreveu *“O Livro dos Seres Imaginários”*, obra que lista *“estranhos entes engendrados, ao longo do tempo e do espaço, pela fantasia dos homens”*, e reúne *“seres pertencentes às mitologias e literaturas do mundo todo, inclusive invenções fantásticas extraídas da Cabala, de Homero, Confúcio, Shakespeare, Flaubert (o do Santo Antônio), Plínio, Hesíodo, Wang Tai-hai, Virgílio, C. S. Lewis, Kafka e outros”*.

Os professores e literatos Frank Lanot, Emmanuel Deschamps, Bénédicte Lanot e Pierre Présuney conceberam um belíssimo *“Dicionário da Cultura Literária”*, trazendo citações e personagens célebres que permanecem vivos e constituem, como disse Pierre Nora, *“lugares de memória”*, significando para nós figuras tais como do viajante, do cavaleiro, do sedutor, do ambicioso ou do detetive.

Uma publicação particularmente divertida, *“The Encyclopedia of Fictional People”*, compilada por Seth Godin, apresenta as biografias de diversas personagens do cinema, televi-

são, teatro e literatura, inclusive quadrinhos, trazendo nomes como Don Vito Corleone, Charles Foster Kane, Homer Simpson, Tonto, Fred Flintstone e David Bruce Banner.

O espaço mágico em BH

Eu era criança quando, na área central de Belo Horizonte, vivi um espaço habitado por seres mágicos e objetos encantados, quase como o bosque *“Entre-Dois-Mundos”*, de C. S. Lewis. As minhas fronteiras iam do Edifício Maletta, com o sebo do Shazam, os seus quadrinhos raros, e os motores importados para o autorama, na Aerobel; o entorno do maravilhoso prédio sede da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, onde, alertado pela minha mãe, testemunhei Murilo Rubião conversando com Carlos Drummond de Andrade; o aroma inesquecível do Café Marialva; o fascínio dos cinemas Metrópole, Jacques e Palladium, que me levaram aos mundos de Flash Gordon, James Tiberius Kirk, O Astrônomo Turco, Clark Kent e Os Selvagens da Noite; a loja de instrumentos musicais, na Rua Tupis, onde comprei a minha primeira partitura dos Beatles, especialmente arranjada para piano e trompete; a agência da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - EBCT, o paraíso do filatelista; e o bonito Conservatório, edificado para explicar a vida.

Porém, o grande trunfo daquele espaço geográfico, que alargou os horizontes do meu espírito, estimulou a minha imaginação e do qual a lembrança tem o poder de reavivar a dimensão mística da minha experiência sobre a infância, era o impressionante número de bancas de jornal e ofertas de publicações de revistas em quadrinhos, especialmente aquelas do Universo Marvel, cuja existência se confunde com o mais conhecido concriador de super-heróis da humanidade, Stanley Martin Lieber, ou STAN LEE, de quem, neste ano de 2022, celebramos o centenário do nascimento.

Um criador insuperável

Nascido em 28 de dezembro de 1922, ele começou sua carreira na *Timely Comics*, em 1939, tornando-se editor-chefe interino do departamento de revistas de quadrinhos quando contava dezenove anos. Inicialmente, escrevia o que lhe parecesse popular, fosse western, mistério, ficção científica, histórias da guerra, humor, romance ou terror. Na metade dos

“Então, eu pensei em pegar uma expressão cujo significado eles não irão saber e nem como pronunciá-la. E foi a partir disso que surgiu o *Excelsior*.”

anos 1960, queria uma palavra para se identificar e passou a assinar as suas colunas como EXCELSIOR!:

– Eu tinha muitas expressões com as quais encerrava as minhas colunas de quadrinhos: *Hang Loose*, *Face Front*, *Nuff Said*, e assim sempre descobria que a competição estava me imitando e as utilizando. Então, eu pensei em pegar uma expressão cujo significado eles não irão saber e nem como pronunciá-la. E foi a partir disso que surgiu o *Excelsior*, e, ainda bem, eles nunca copiaram essa expressão.

Em 1961, ao apresentar “*O Quarteto Fantástico*”, que estampava em suas capas “**O Maior Gibi do Mundo!**”, Stan Lee lançou as bases para o Universo Marvel, heróis com poderes sobre-humanos, mas que ainda possuíam dilemas reais.

A respeito do Homem-Aranha, por exemplo, talvez sua criação de maior número de fãs, cuja primeira aparição ocorreu em 1962, *Excelsior!* disse:

– *Você não pode chamar um herói de ‘Homem-Aranha’ porque as pessoas odeiam aranhas!*

Você não pode apresentar um super-herói adolescente. Um adolescente só pode ser o parceiro de um herói adulto (o Aranha era adolescente quando a série teve início).

Você não pode fazer um protagonista com muitos problemas. Os leitores vão pensar que ele não é heroico suficiente.

Você não pode criar um herói que não seja galante e bonito (Peter era justamente o tipo de estudante nerd bem normal naqueles primeiros dias).

Você não pode fazer um herói cuja tia vivia mimando-o. Isso não é macho o suficiente.

Uma grande sacada do nosso homenageado secular foi apresentar participações especiais de celebridades reais que contracenaram com o Homem-Aranha, dentre elas o ex-presidente Jimmy Carter; o famoso âncora da CBS, Walter Cronkite, “o homem mais confiável da América”, também lembrado pela cobertura jornalística da chegada do homem à Lua; o pugilista Muhammad Ali, “O Maior”; Yasser Arafat, o líder da Organização para a Libertação da Palestina; Paul Newman; Robert Redford; Elton John; Telly Savalas, o Kojak; Barbra Streisand; Sammy Davis Jr.; Woody Allen; Charles Bronson e Mary Tyler Moore.

A propósito da aparição mais inspirada de todas, em 1980, Bruce Canwell comenta:

– *O que deixou a participação especial de Nixon tão inspirada foi o fato de ter sido baseada na vida real. Indiscutivelmente a figura política mais polêmica do final do Século 20, o 37º presidente dos Estados Unidos se tornou o único chefe do Executivo a renunciar ao cargo depois que revelações de irregularidades generalizadas dentro de sua administração ameaçaram se estender ao próprio Salão Oval. A invasão da sede do Partido Democrata em 1972, localizada no Hotel Watergate, foi o primeiro fator numa teia de atividades questionáveis que levou Nixon a renunciar ao cargo em 9 de agosto de 1974.*

Cinco anos depois, em dificuldades financeiras e em busca de maior visibilidade, Nixon e sua esposa Pat venderam sua propriedade em San Clemente, Califórnia, a fim de se mudarem para a cidade de Nova York. A mudança foi mais difícil do que o esperado. Em seu livro “Nixon’s Secrets”, o “insider” republicano Roger Stone escreveu: ‘O primeiro apartamento que o casal presidencial queria comprar na Avenida Madison não queria a exposição que um ex-presidente desonrado traria ao prédio, então sua admissão foi negada. O casal também teve negada a oportunidade de comprar outra propriedade escolhida na cidade de Nova York depois que moradores do prédio juntaram forças e votaram para rejeitar o pedido de residência de Richard e Pat Nixon. George Leisure (um advogado de alto perfil) disse a um repórter na época: ‘Todos assinaram contra. Dinheiro não é suficiente aqui.’

Cada uma das frustrações de Nixon em Manhattan recebeu cobertura da mídia nacional, assim como seu ocasional sucesso: na sexta-feira, 5 de outubro de 1979, o New York Times noticiou que Nixon comprou uma casa de 12 quartos na 142 East 65th Street, tornando-se vizinho do presidente do Chase Manhattan,

David Rockefeller, e do famoso historiador Arthur M. Schlesinger Jr. Menos de dois anos depois, os Nixons venderiam a casa e se mudariam para Saddle River, New Jersey, mas sua muito discutida mudança para a Big Apple ainda estava fresca na mente do público quando a tira do Homem-Aranha de domingo, 2 de março, foi publicada. A ideia de dois personagens infames como Nixon e o Rei do Crime sendo vizinhos gerou muitas risadas na-quele dia de início de primavera.

Em 1964, *O Demolidor* é anunciado na capa de sua primeira edição: “Será que você adivinha por que o Demolidor é diferente de todos os outros combatentes do crime?”. O editor Leonardo “Kitsune” Camargo opina:

– *Matt Murdock também é um poço de contradições; dividido entre o exercício da lei como advogado e a justiça-com-as-próprias-mãos do vigilantismo [...] entre a devoção a Deus e seu disfarce demoníaco [...] Mas acima de tudo, mesmo no rol de heróis urbanos cheios de problemas humanos, ele se destaca pelo que melhor o define: Matt Murdock é cego. O Demolidor é um dos poucos heróis com alguma deficiência física, um marco no mundo das histórias em quadrinhos. O ‘problema humano’ de Matt Murdock o limita, mas também o liberta.*

Igualmente conhecido como Stan “the Man”, nos anos seguintes participou da concepção e desenvolvimento de personagens como *Hulk*, *Homem de Ferro*, *Thor*, *Homem-Formiga*, *Namor*, *Dr. Estranho*, os *X-Men*, *Pantera Negra*, o *Surfista Prateado*, os *Inumanos*, *Vingadores*, o personagem de *Manga*, *Último*, o super-herói indiano, *Chakra*, havendo recebido uma estrela na Calçada da Fama de Hollywood, uma *National Medal of Arts*, introduzido no *Will Eisner Award Hall of Fame*, no *Jack Kirby Hall of Fame*, feito participações especiais em diversos sucessos da Marvel, em séries de TV, como *The Big Bang Theory*, e vários documentários.

Stan Lee morreu em 12 de novembro de 2018, aos 95 anos de idade, e é um fenômeno cujo conjunto da obra transcende a sua história para inspirar iluminada e profundamente toda uma geração de antigos e novos fãs espalhados pelo planeta, em busca da eterna aventura que deve ser o viver. *Excelsior!*

“Matt Murdock é cego. O Demolidor é um dos poucos heróis com alguma deficiência física, um marco no mundo das histórias em quadrinhos.”



Indesejada, porém libertadora

Isaías Caldeira

Juiz de Direito em Montes Claros

Atravessado certo período da vida, vamos nos especializando em ossários, nas tratativas memoriais que mantemos com aqueles que nos deixaram, levando consigo parte de nossas vidas e do que somos.

Após os cinquenta anos, como é o meu caso, enterrados os pais, alguns irmãos e tantos parentes amados, além de incontáveis amigos, é de se esperar algum alheamento, certa aceitação do inevitável, tal o ofício dos sobreviventes na dolorosa e contumaz prática dos rituais fúnebres a que a vida nos obriga.

Não há como desnaturar a dor da perda, do impossível reencontro com o ente querido, agora guardado nos escaninhos das nossas recordações, não mais como ser ativo, mas como elemento subjacente da nossa história pessoal, personagem de algum feito, de alguma experiência em comum, para sempre no passado.

O *Livro da Sabedoria* recomenda tirar o luto após trinta dias, pois breve será nossa vez. Mas, a lacuna deixada pelo falecido lateja, às vezes, por toda a vida.

Quando ocorre de o finado integrar o rol da infância ou juventude, compartilhando momentos que somente sua pessoa foi testemunha, seu passamento rasga páginas da vida, órfã da chancela de sua presença, perdida a partitura em comum, as aventuras vividas, para sempre nos condenando à solidão da memória.

Apenas o testemunho solitário da nossa consciência permanece intacto. Porém, sem o lastro convivente, sem a sua amálgama necessária, a nós mesmos dando a certeza do ocorrido, face às artimanhas da memória, que às vezes se perde em seus labirintos.

Os que vivem muito sofrem desta solidão nostálgica, não encontrando com quem compartilhar suas vivências, notadamente da mocidade.

Aos mais jovens, um turbilhão de acontecimentos no presente não deixa espaços à nostalgia dos velhos, sequiosos todos do desfrute do tempo que passa, sedentos de vida. Olham para a frente e veem a vastidão do porvir. Enquanto isso, os mais velhos olham o passado e sabem que tudo é fugaz, relampejante.

O calor do fogo de ontem ainda aquece a alma. E, não raro, surpreende-nos com sentimentos e emoções distantes no tempo, incandescentes à menor lufada do vento antigo, como um sopro nos corações encanecidos, ao qual chamamos de saudade.

Paradoxalmente, no nosso inconsciente está assente que a morte é libertadora. Daí, a pulsão – tema tão recorrente em Freud – que conduz o indivíduo ao seu encontro, mesmo negando em palavras aquilo que confirma em atos, materializando-se nos nossos vícios como ofertórios no altar a Thanatos.

A prova cabal de nosso apreço e respeito à indesejada morte se mostra patente no repúdio àqueles que, mortos, ousam acordar deste sono, seja subitamente, durante as exéquias, ou por obra de algum milagre. Imaginem Lázaro, após quatro dias de sua morte, apresentando-se diante das pessoas. O terror de imaginá-lo diante de sua amada, dos amigos, da sociedade enfim.

Pobre Lázaro ressurreto, sem saber ao certo o seu espaço, perdido no tempo, cadáver adiado, refém do escárnio dos contemporâneos, não obstante o milagre de sua ressurreição.

A morte sempre será um mistério insondável. Dela falo neste espaço para me lembrar de tanta gente querida que perdi nesses últimos meses.

O último foi amigo de infância. Companheiro de bairro. Gente humilde, como todos nós, moradores próximos de linha férrea. As malinesas da infância ainda verberam na memória, aliadas às brincadeiras ingênuas dos meninos daqueles tempos inocentes. Tudo tão ontem!

Ainda lateja o sangue do menino que desmaiou na linha férrea e foi atropelado pelo trem, com seu corpo esquartejado recolhido diante de nossos olhos infantis, tingindo de vermelho as pedras e dormentes. Ainda ecoa em gritos a dor da velha que perdeu uma perna naquelas linhas, de propósito, apenas para se vingar de um filho com quem se desentendera horas antes.

Ainda ressurgem, cristalinas, as brincadeiras de finca, de bafo, porta-bandeira, do futebol de rua, de brigas entre “trincas”, enfim, de todas essas coisas que moldaram nosso caráter, forjados ludicamente, desapegados das ‘didáticas’ que nos impõem ao longo da vida, quase todas com o propósito de perpetuarem a infelicidade dos apedeutas que ditam regras e costumes no mundo.

Nesse ambiente, vivenciei com o amigo morto as alegrias suburbanas de então, que a memória agora evoca de forma pungente, saudosa de sua presença e do seu testemunho dessas coisas simples. Acima de tudo, da amizade inocente que permeia as relações infanto-juvenis, do pacto firmado e selado sem a nódoa da inveja, da disputa e da hipocrisia, cimentado na confiança que há entre meninos, e que os adultos têm o vício de esquecer, presos aos grilhões de seus desejos, à escravidão ao poder, político ou financeiro.

A sua ausência dói na alma, mesmo na certeza de que ele, devoto de Nossa Senhora Aparecida e apostador contumaz, por certo deve estar a fazer uma fezinha no jogo entre o bem e o mal, nesta peleja entre Deus e o demo, apostando suas fichas na vitória do bem, no xeque-mate do Criador no dia do juízo final.

Insondáveis são os desígnios de Deus, a quem submetemos nossas vidas.



Neblina

José Aparecido Fausto de Oliveira
Juiz de Direito do TJMG, em Araxá

De repente, aquela neblina. Reduziu a velocidade, abaixou os faróis, cuidava de olhar a faixa na lateral da pista.

Na necessidade da cautela e à vista da névoa que não esvaía, postou-se séria.

Percebeu que a seriedade lhe trouxe a visão da metáfora que lá estava.

A vida tal como a neblina.

Começa-se no enevoadado do trauma que nos separa da mãe e, neófitos, somos conduzidos não sabemos por quais estradas, no colo e, depois, pelas mãos, e a sensação de para onde, para quê?

Vislumbrou na neblina a mão que conduzia a menina, andavam lado a lado e de súbito a mão se solta; a menina quer liberdade ou já não a querem conduzir?

E solta segue, mas avizinha a vontade de não seguir só, quer uma mão para acompanhar, um outro colo para amparar e ser amparo.

Na neblina da vida, passa a ver dois. Ela e a pessoa que a acompanha, até que, em um relâmpago, passam a ser três.

Agora é ela quem conduz. Primeiro no colo e depois pela mão; e como doeu quando lhe soltaram a mão. Era momento de outro caminho.

A vida é uma neblina?

Não há certeza no que está à frente. Sabe-se que se deve seguir, vez ou outra um buraco na pista que não se enxerga, o desvio que não se viu e devia ter sido pego, o susto pela constatação de ter errado a direção e a dificuldade de retomar o caminho.

Sim. Outras mãos nos acompanham, seguimos trechos em paralelo, muitas mudam de rota e nunca mais as vemos, outras seguem ao nosso lado por mais tempo.

Meu Deus e essa neblina que não passa! Ajeitou-se no banco, aumentou a gradação do ar-condicionado, o vidro estava embaçado.

Embaçado como seus olhos ficaram em tantos momentos.

Nunca tinha pensado na vida como neblina, aliás, a vida na neblina. Tanta dúvida, tanta incerteza e a arrogância de querer programar o futuro, vivemos envoltos à névoa.

Pensou em estacionar. A neblina não dava sinais de que ia se dissipar, mas teve medo de não ser vista no acostamento e acabar em um acidente.

Melhor continuar, mais devagar e com mais cuidado.

A metáfora novamente. A sabedoria que brota da vivência. Momentos há que não se pode parar, é imperioso seguir, todavia, com cuidado, com vagar.

O embaçado do vidro era no lado de fora. Sorriu. Quantas vezes percebeu que o embaraço não estava em si.

“A metáfora
novamente.

A sabedoria que
brota da vivência.

Momentos há que

não se pode parar,

é imperioso seguir,

todavia, com cuidado,

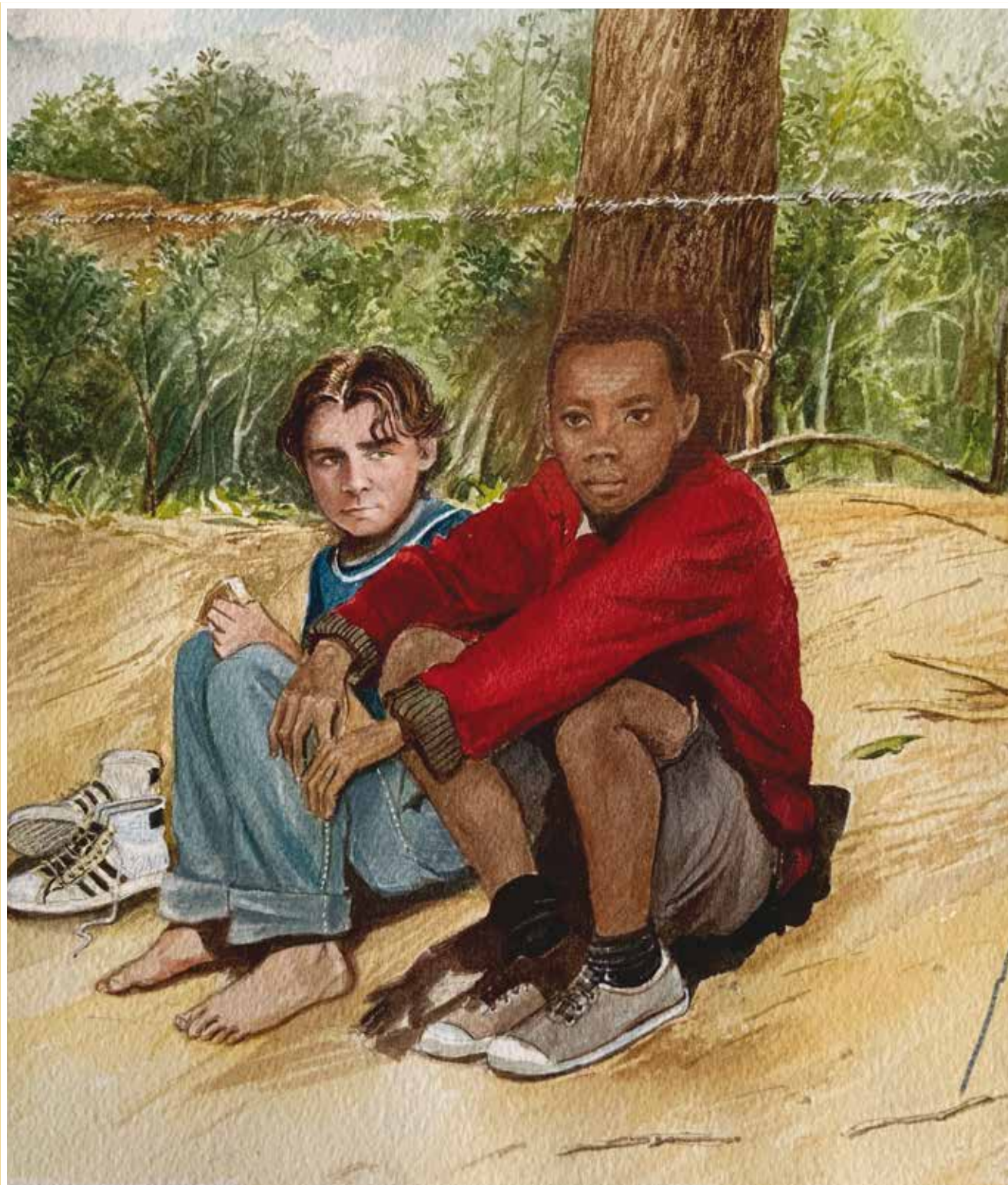
com vagar.”

A viagem a cansava. A neblina fez esticar a demora em chegar.

Na neblina da nossa vida, pensou, não queremos que ela se esvaía rapidamente.

A entrada da cidade estava à frente. Enxergou os postes de iluminação.

O embaçado dos olhos deixou escorrer lágrimas; quando enxergarmos a Luz, no final da neblina, nossas mãos já terão cumprido a missão.



O “melhor do mundo”, uma lição de liberdade

Manoel Marcos Guimarães
Jornalista, editor de *MagisCultura*

O álbum duplo *“Clube da Esquina”*, lançado em 1972, foi apontado como *“o maior álbum brasileiro de todos os tempos”*, em uma enquete a respeito de LPs e CDs referenciais para a história da MPB promovida pelo podcast *Discoteca Básica*, da qual participaram 162 especialistas ligados à produção musical, em votação tida como a maior e mais abrangente já feita no país.

Muito antes, em 2006, o Clube já havia sido incluído na antologia mundial *“1001 albums you must hear before you die”*, editada por Robert Dimery, com base na opinião de 90 jornalistas e críticos de todos o mundo, para quem o disco *“foi um marco da música popular, que abriu portas criativas para outros artistas”*. Dimery, um dos fundadores da revista *Rolling Stone*, diz ainda que se o Clube *“fosse apenas o equivalente brasileiro de Sgt. Pepper’s, já se destacaria como uma enorme contribuição para a música popular internacional”*, mas destaca que ele foi muito mais que isso, ao projetar internacionalmente nomes como Milton Nascimento, Lô Borges, Beto Guedes e Toninho Horta.

No Brasil, o álbum duplo já havia angariado também amplos reconhecimento e admiração, como os de Caetano Veloso, no prefácio que escreveu para o livro *“Os sonhos não envelhecem”*, de 1996, de Márcio Borges, um dos principais letristas do grupo e responsável pelo resgate da história do Clube.

Caetano escreveu:

Nos anos 70, um grupo de mineiros se afirmou no cenário da música popular brasileira com profundas consequências para sua história, tanto no âmbito doméstico quanto no internacional. Eles traziam o que só Minas pode trazer: os frutos de um paciente amadurecimento de impulsos culturais do povo brasileiro, o esboço (ainda que muito bem-acabado) de uma síntese possível.

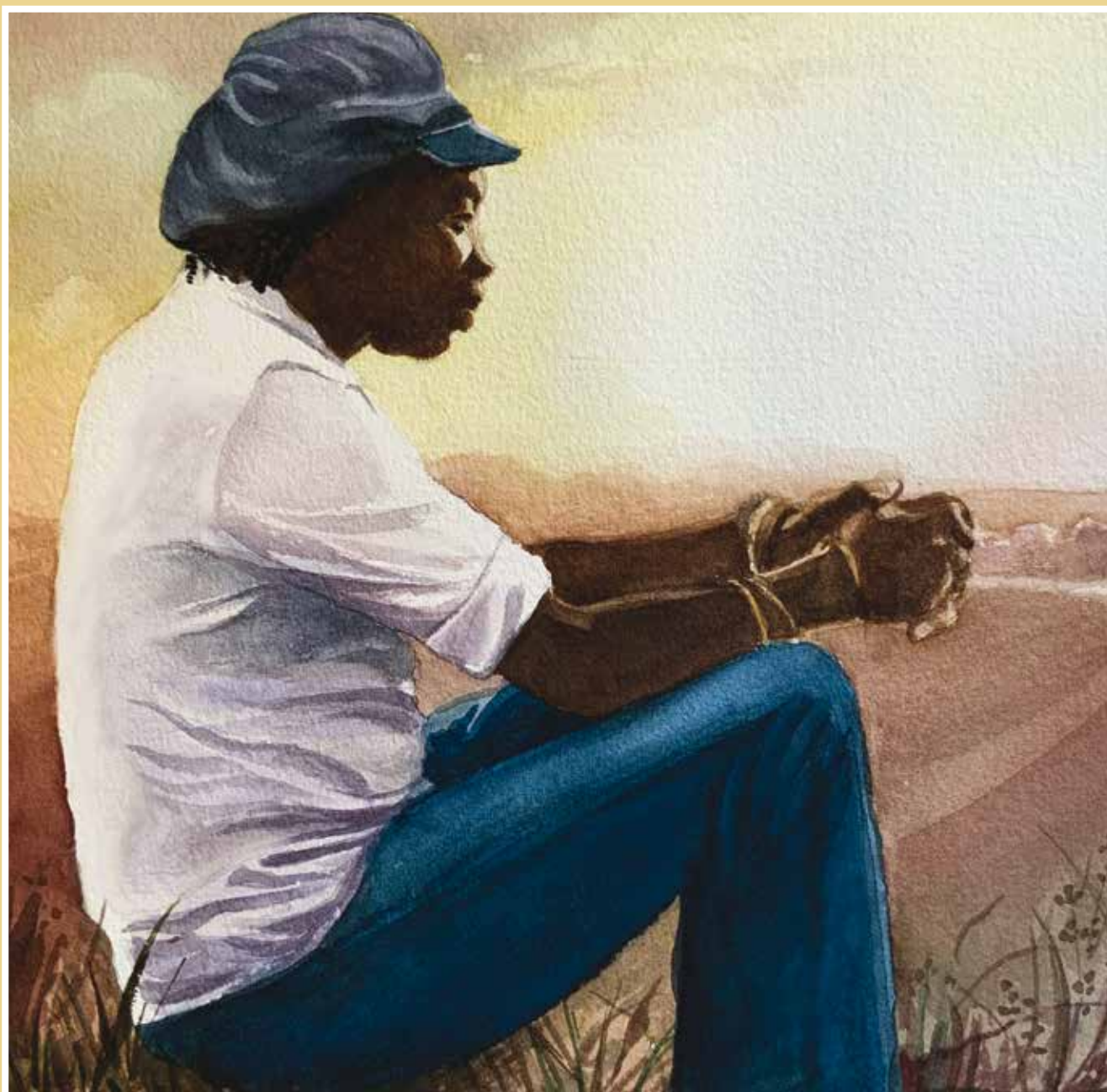
Em um *“Breve ensaio sobre o Clube da Esquina”*, publicado pela Associação do Museu do Clube da Esquina e pela Imprensa Oficial de Minas Gerais, em edição comemorativa dos 40 anos do álbum, o músico, pesquisador e professor universitário Ivan Vilela escreve que aqueles jovens músicos que começavam a se encontrar na capital mineira no início dos anos 60, produziam *“um som que fundia as inovações trazidas pela Bossa Nova a elementos do jazz, do rock’n’roll – principalmente The Beatles –, de música folclórica dos negros mineiros e alguns recursos de música erudita e música hispânica”*. Esses artistas, segundo ele, iriam tornar-se referência nos anos 70, *“pelo alto nível de performance”*, e disseminaram suas inovações e influência a diversos cantos do país e do mundo.



Vilela aponta o Clube da Esquina como responsável pela implantação de uma *“nova perspectiva musical”*, pela apropriação e fusão que conseguiu dos movimentos musicais surgidos no país desde a Bossa Nova, na década de 1950, passando pela Tropicália, pela Jovem Guarda e pelas canções de protesto que marcaram os anos 60. Diz Vilela: *“Se analisarmos a obra do Clube da Esquina, veremos que, além da incorporação de toda a contribuição trazida [...] foi criada pelo Clube uma nova maneira de harmonizar”*. Não por acaso, ele complementa, *“a influência da música do Clube da Esquina se espalhou por diversos lugares e tendências”*, inclusive no exterior.

A consagração pela pesquisa da *Discoteca Básica* ocorre no ano em que o álbum duplo completa seu cinquentenário e vem comprovar a sua importância para a música brasileira, reconhecido pela crítica, pelo público e por músicos em geral. Clube da Esquina adquiriu ares de ‘movimento’ sem que seus autores, os jovens mineiros liderados por Milton Nascimento, jamais tivessem pensado nisto: queriam apenas fazer boa música, sem limitações, naqueles seis meses em que ficaram morando e compondo em uma casa alugada na praia de Piratininga, norte do estado do Rio de Janeiro.

Esta edição de *MagisCultura* registra a glória do Clube da Esquina, com denso artigo do juiz de Direito Jorge Paulo dos Santos, e confere especial destaque a um dos principais letristas do grupo, o jornalista e poeta Fernando Brant, com emocionante e emocionado texto de sua filha Isabel, nas páginas a seguir. Fernando, aliás, foi uma espécie de padrinho de nossa revista, pois, filho de magistrado, compareceu na primeira edição com uma crônica em que relatou sua experiência como funcionário de cartório.



Clube da Esquina, um sonho sempre novo

Jorge Paulo dos Santos

Juiz de Direito do TJMG, aposentado

Quando eu era criança no interior das Gerais e ouvia as pessoas falarem de um clube lá da minha cidade, ficava imaginando o que seria aquilo. Com o tempo entendi que se tratava de uma agremiação esportiva ou um local de lazer coletivo e cultural. Quando ouvi, ainda nos idos dos anos 70, alguém falar sobre um tal “Clube da Esquina”, fiquei a matutar que clube seria aquele e onde ficaria, pois nunca ouvira notícia sobre sua existência por ali. Quando um amigo me mostrou um encarte com dois *long plays* (LPs), trazendo de um lado foto de duas crianças (uma negra e outra branca) e do outro a de alguns jovens e adolescentes, com o título “Milton Nascimento e Lô Borges - Clube da Esquina”, foi que entendi, de início, que se tratava meramente do título para dois discos dentro de uma capa dupla!

Passados alguns anos, já adolescente e mais enfronhado no mundo musical, foi que percebi e compreendi a importância daquele tal “Clube da Esquina” e que, sem que aquela garotada do “disco” se desse conta, eles estavam dando luz a uma criatura fenomenal, que só poderia mesmo ser traduzida como um excepcional movimento cultural a marcar época e ficar para sempre na história da música, responsável por virar e revirar conceitos e estilos musicais Brasil a fora, com eco além de nossas fronteiras.

“A primeira manifestação artística percebida pelo ser humano é, indubitavelmente, o som musicado pelas batidas do coração materno.”

Neste ano, completados 50 anos do lançamento daquele álbum, marco histórico, vamos ousar, em breves notas, fazer uma viagem à época do “Clube” que, muito mais que ficção ou mero simbolismo do cruzamento de duas vias, encarna o dito por Márcio Borges como o encontro do Divino com o Paraíso, um lugar em que o acaso e o sonho desafiaram o tempo, e o resultado permanece vivo, porque ressoa em música. O nome, como revelado por Lô Borges, brotou de um fato corriqueiro, quando um amigo mais abastado passou por ali e convidou a garotada para irem a um clube. Como eram de classe média baixa, “sem grana”, a resposta foi ‘não’, pois o clube deles era naquela esquina e suas festas eram ali, na rua. Era naquela esquina das ruas Divinópolis e Paraíso, bairro de Santa Teresa, que passavam o tempo em folguedos e, principalmente, tocando violão e cantando.

Para entender esse clube e sua história, vamos embarcar em um trem azul, para nossa resumida e breve viagem no tempo, deixando fluir, inventando cais, portos, sonhando com serras, terras, terras, terras...

A primeira manifestação artística percebida pelo ser humano é, indubitavelmente, o som musicado pelas batidas do coração materno. Assim, não é descabida a ideia de que, na seara das artes, pelo elemento rítmico, a música vem primeiro. Esse, talvez e não desarrazoadamente, o porquê de sermos seres musicais desde sempre.

O acaso

No início da década de 1960, dois jovens, Wagner Tiso e Milton Nascimento, conhecido como Bituca (apelido preferido por ele), saíram de Três Pontas e rumaram para a capital mineira. Na bagagem, muito talento musical e muitos sonhos. Milton e Tiso, desde adolescentes, se aventuravam no mundo da música no sul de Minas, interpretando canções em grupo àquela época denominado “conjunto”, as “bandas” de hoje. Viviam em ambiente familiar musical, sorvendo do clássico ao religioso, das congadas e folias ao lúdico do interior mineiro e, pelo rádio, veículo de comunicação de massa que predominava naquela época, ouviam desde os hits americanos à bossa nova, que florescia, e o cancionário popular, com os grandes cantores e cantoras.

A mudança para Belo Horizonte colocou os jovens em contato com músicos que tocavam e animavam as noites da capital. Os dois, digamos, entraram para esse time, como que nos bailes da vida.

Quis o destino com seus acasos, ditados pelos deuses da

“O impacto da ousadia do enredo, o amor de dois homens pela mesma mulher (Jeanne Moreau), das tomadas de câmera e da trilha sonora, foi de tal ordem que, como conta o próprio Milton, ‘entraram para a sessão das 2 da tarde e permaneceram até a última sessão, das 8 da noite.’”

música, que aqueles dois jovens acabassem sendo introduzidos em uma família que me faz lembrar a família *Dó-Ré-Mi*, seriado dos anos 70, quando foram morar em uma pensão no Edifício Levy, no centro de Belo Horizonte. A família era o musicalíssimo clã dos Borges. Um deles, Marilton, que também se aventurava na seara musical, foi o responsável pela aproximação entre Tiso, Milton e os Borges. Uma família numerosa, composta pelo jornalista Salomão, Dona Maricota e os 11 filhos. Bituca ficou tão assíduo que passou a ser considerado por eles como o 12º filho. Reuniam-se os jovens no quarto reservado aos homens, lugar comum da musicalidade.

Numa noite, em uma casa noturna, outro dos Borges, o jovem Márcio, assistiu ao desempenho de Bituca e assegurou-lhe que ele deveria também compor, uma vez que interpretava as canções de forma totalmente diferente do original. E o aconselhou a “*parar de cantar coisa dos outros*”. “*A coisa mais rara do mundo é a originalidade*”, disse Márcio. Milton se dizia apenas *crooner* e não tinha a menor intenção de enveredar pela seara das composições. Nos grupos, limitava-se a tocar e cantar repertório alheio.

A semente

A amizade que resultou desse encontro foi o prenúncio do que viria alguns anos depois. Certo dia, Márcio Borges, já impressionado com a capacidade musical de Bituca, que insistia em se considerar apenas um intérprete, o levou para assistir a um filme do francês François Truffaut, no antigo Cine Tupi (Márcio era cinéfilo de carteirinha, amava a arte cinematográfica e alimentava o sonho de ser cineasta). Tratava-se de “*Jules et Jim*”, filme que encarnava o movimento *Nouvelle Vague*, que efetivamente revolucionou o modo de se fazer cinema. O impacto da ousadia do enredo, o amor de dois homens pela mesma mulher (Jeanne Moreau), das tomadas de câmera e da trilha sonora, foi de tal ordem que, como conta o próprio Milton, “entraram para a sessão das 2 da tarde e permaneceram até a última sessão, das 8 da noite.” Naquela mesma noite, no “quarto dos homens” em casa de Márcio, o poder criativo irrompeu na vida desses dois, que compuseram suas três primeiras músicas em parceria: *Paz do amor que vem* (depois *Novena*) *Gira-Girou* e *Crença*.

Os outros

Não se cogitava das modernas facilidades tecnológicas, que hoje possibilitam a produção artística até mesmo em casa, com sua veiculação pelas redes digitais de comunicação. Os artistas ficavam à mercê do eixo Rio/São Paulo, onde se concentravam a indústria fonográfica e estúdios de gravação.

Em 1964 eclodiu o movimento militar que passou a governar o Brasil, por 20 anos. Para os militares e alguns da sociedade civil, uma revolução; para outros, um golpe. De certo é que o país passou a viver anos difíceis, com supressão de direitos, violência, arbítrio e censura a opiniões e à livre expressão artística.

Nada disso apagou ou arrefeceu o ânimo criativo dessa garotada, que continuava fazendo música. Naquele 31 de

março de 64, Tiso e Milton tocavam no *Berimbau Trio*, na boate do mesmo nome, no Edifício Maleta, centro de BH. Depois, no conjunto *Sambacana*, com Pacífico Mascarenhas, músico e compositor mineiro da vertente bossanovista. A moçada das artes se reunia no Ponto dos Músicos, naquele edifício,

Por essa época, um certo Fernando Brant foi apresentado a Bituca, por um amigo comum, e entrou em cena. A empatia foi imediata. Tratava-se de jovem idealista, afeito à poesia e admirador de literatos de primeira ordem, como Garcia Lorca e Fernando Pessoa. Mal sabiam que daquele encontro nasceria uma das mais espetaculares e profícuas parcerias no mundo da música. A amizade com Milton se estendeu aos Borges.

Foi no ano de 1966 que Brant, provocado por Bituca, escreveu letra para uma de suas músicas, que concorreria ao 1º Festival Internacional da Canção (FIC), no Rio de Janeiro, dando vida a “Travessia”, título que tomou de empréstimo da obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. O título original, aliás, era “O vendedor de sonhos” e foi mudado depois de Márcio Borges comentar não ter gostado do primeiro verso, que dizia “Quem quer comprar meus sonhos”. Fernando aquiesceu, cortou o verso e mudou o título. Ainda bem, pois essa, sem dúvida, tornou-se uma das mais belas páginas da música brasileira. A música ficou em segundo lugar no Festival, para muitos uma injustiça, pois merecia o primeiro.

À margem, o menino Lô Borges, com o sangue vertendo música, se encantava com os Beatles e o rock que tomava conta da juventude, chegando a formar um grupo infantil, o “The Beavers”, com seu amigo Beto Guedes, seu irmão Yê Borges e outro garoto, Márcio Aquino, tocando e animando festinhas.

Outros foram chegando, engrossando a diversificação de talentos, como Toninho Horta, Tavinho Moura, Nivaldo Ornelas, Flávio Venturini, que, pouco tempo depois, resultaria na gravação do que seria o emblemático “movimento”, que me arrisco, sem temor, afirmar ser um marco maior em nossa arte musical.

Daquele caldeirão cultural, tendo o cinema, poesia, literatura e música como ingredientes, essa turma ia criando e recriando, numa efervescência que ousava desafiar costumes, tradições, estilos e a subserviência imposta pelo regime de exceção, para o desafio espelhado pelos movimentos da contracultura, emergindo o grito das entranhas mineiras, multifacetado naquele álbum musical.

A esquina que virou clube

No início dos anos 70, o jovem Lô burilava suas composições, até que o “velho” amigo e 12º irmão, já gozando de certa fama no mundo artístico, em uma de suas vindas a Belo Horizonte o encontrasse naquela “esquina” que chamavam de “clube”. Lô já não era mais aquele menino que certo dia, descendo as escadas do Edifício Levy ouviu um canto que consi-

derou “espetacular” e ficou encantado, correndo em casa para comentar com o irmão Márcio. Descobriu que a voz era de Bituca. Agora, morando em Santa Teresa, também fazia música. Bituca percebeu que o menino crescera e se tornara um jovem de talento. Lô quis mostrar-lhe uma composição sua

e naquela tarde / noite compuseram juntos uma melodia, logo letrada por Márcio Borges. O título foi exatamente “Clube da Esquina”, a primeira parceria entre Milton e Lô, dentre as inúmeras que vieram depois.

Vida em curso, tempos sombrios, Milton revelou seu desejo de produzir um disco com Lô Borges, e sugeriu que ele fosse também para o Rio de Janeiro, para comporem juntos algo que fosse diferente, um álbum duplo, coisa que ainda não havia sido feita no Brasil.

Lô conseguiu dispensa do serviço militar e o consentimento de Dona Maricota, convencida pelo marido.

Com Bituca, foram Lô e o amigo Beto Guedes. Para melhor inspiração, Milton conseguiu uma casa em Mar Azul, praia de Piratininga, em Niterói, onde se arrancharam, com a autoproclamada missão de comporem para um álbum duplo.

O álbum duplo foi gravado nos estúdios da Odeon e teve a participação dos seguintes músicos, instrumentistas, arranjadores e compositores:

Milton Nascimento, Márcio Borges, Lô Borges, Fernando Brant, Ronaldo Bastos, Beto Guedes, Rubinho Batera, Wagner Tiso, Toninho Horta, Paulinho Braga, Tavito, Nelson Angelo, Robertinho Silva, Luís Alves, Paulo Moura e Eumir Deodato.

A crítica e o público

Crítica e pública receberam o álbum com certa desconfiança, talvez por não perceber, no primeiro momento, a força das inovações e a sutileza do recado passado, numa quadra em que o país sofria as dores de uma ditadura em sua fase mais agressiva. Mesmo não adotando linguagem abertamente política, “Clube da Esquina” passava uma mensagem libertária, transformadora, artística e culturalmente.

As letras das músicas conseguiam transformar o simples em belo, o comum em extraordinário e transportavam para outra dimensão meditativa, com arranjos e rearranjos que desafiavam o ‘quadradismo’ e a escassa criatividade que imperava na música brasileira de então, à exceção de algumas vertentes. Só mais tarde crítica e público se renderam e o Clube da Esquina hoje é conhecido e celebrado não só no Brasil, mas em vários cantos deste planeta.

“As letras das músicas conseguiam transformar o simples em belo.”

“Não raro, o movimento que provoca mudanças, transcende e deixa de ser criação apenas de quem o lança, para ser abraçado pela multidão que entende e atende aquele grito emitido, sem consciência de seu alcance por quem primeiro gritou.”

Como bem acentuado por Lô Borges, o trabalho ganhou status de movimento, porque propunha novo estilo e nova forma de fazer música, sem aquela preocupação estética e formal, com progressões harmônicas ousadas, dissonâncias e interpretações com um toque de melancolia que encanta, ao aviso de que, sim, era possível quebrar conceitos e ser livre no ato de criar. Essa a maior influência do Clube, até hoje repercutindo na nova geração de músicos. Em verdade, *“Clube da Esquina”* não foi fruto de um concerto de intenções programadas, mas do desejo de registrar em disco a boa música, realizado por aqueles talentosos jovens, mas acabou por integrar um movimento originário da contracultura, porque reuniu os ingredientes necessários para tanto. Falavam de liberdade e sonhos em um período de exceção, em que a violência do regime autoritário impunha a todos, principalmente aos artistas, que fossem contrários. Os dois discos-conceitos musicais, criando fraseados harmônicos com, peço vênia pelo tecnicismo, a utilização de acordes dissonantes impensáveis, como um acorde maior, transformado em menor pela interposição de uma 5ª justa com uma 7ª aumentada. Tal acorde ganhou o apelido de “acorde mineiro”. Quebraram a resistência em relação à música que desobedecia ao catecismo do purismo musical, para exaltar o cotidiano, o natural, o simples e encontrar poesia onde outros não percebiam. Por isso o Clube da Esquina, ainda que nada programada, foi para além de um fonograma e se tornou movimento de vanguarda, para uma época de silêncio obsequioso imposto ao povo brasileiro, razão por que influenciou e influencia gerações até hoje. Certamente continuará, porque o seu tema é eterno: a liberdade. Liberdade de criar, de ousar, de trazer à luz o novo e descortinar o interior de cada um de nós em nosso visceral cotidiano.

Não raro, o movimento que provoca mudanças, transcende e deixa de ser criação apenas de quem o lança, para ser abraçado pela multidão que entende e atende aquele grito emitido, sem consciência de seu alcance por quem primeiro gritou. E o grito resultado do Clube da Esquina é bandeira nacional de possibilidades além do rigor da forma, obedecendo apenas e tão somente ao bom gosto, mesmo falando de homens e sonhos que nunca envelhecem. Por isso mesmo é um sonho sempre novo, e novo e de novo, se repetindo nos corações de quem quer ser apenas gente.

Merecido tributo

O tributo deve ser prestado a todos, igualmente, na medida de sua contribuição para realização desse magnífico trabalho. Não se pode exaltar Milton Nascimento sem dar o mesmo valor ao que representaram Márcio Borges, Fernando Brant e Lô Borges, sem considerar Beto Guedes, Ronaldo Bastos, Wagner Tiso, Toninho Horta e os demais. Foi um trabalho de equipe, sem prévio ajuste, comunhão de inspirações e talento.

Não posso finalizar nossa curta viagem, sem transcrever aqui o que disse Milton Nascimento, em posfácio ao livro de Márcio Borges:

“E mais uma vez penso que o Clube não pertencia a uma esquina, a uma turma, a uma cidade, mas sim a quem, no pedaço mais distante do mundo, ouvisse nossas vozes e se juntasse a nós. O Clube da Esquina continua vivo nas músicas, nas letras, no nosso amor, nos nossos filhos, e a quem mais chegar.”

O álbum é para ser ouvido sempre, em qualquer época, porque é atemporal e nos alcança como o vento numa janela lateral, no quarto de dormir. Porque fala de sonhos que não envelhecem, porque são sonhados sempre, por toda humanidade, a cada dia, a cada manhã! Entendi, depois de tudo, o que aquele Clube, mais que um lugar, uma simples esquina, significava o sonho de todos nós: LIBERDADE.

Viva o Clube da Esquina.

Fontes

- *Os Sonhos não envelhecem. Histórias do Clube da Esquina* - Márcio Borges – Editora Geração – 8ª Ed.

Entrevistas

- Lô Borges – Mistura Cultural - TV Cultura
- Márcio Borges – 50 anos Clube da Esquina – Rede Band
- Milton Nascimento – O Clube da Esquina – Som do Vinil (com participação de Lô Borges, Fernando Brant, Márcio Borges, Toninho Horta, Beto Guedes, Nelson ngelo, Cafi) – TV Brasil

“E mais uma vez penso que o Clube não pertencia a uma esquina, a uma turma, a uma cidade, mas sim a quem, no pedaço mais distante do mundo, ouvisse nossas vozes e se juntasse a nós. O Clube da Esquina continua vivo nas músicas, nas letras, no nosso amor, nos nossos filhos, e a quem mais chegar.”



O Clube do meu Quintal

Isabel Ferreira Brant
Jornalista (*)

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade.
A gente só descobre isso depois de grande.
A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas.
Há de ser como acontece com o amor.
Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo.
Justo pelo motivo da intimidade.

(Manoel de Barros)

Meu pai costumava dizer que o nome *Clube da Esquina* foi um rótulo criado pela imprensa, que sentiu a necessidade de nomear o que estava acontecendo na cena musical mineira. Não gostava desta denominação, já que, segundo dizia, aquele foi um encontro despretenso de jovens que moravam na mesma cidade e que tinham interesses comuns. Cada um com sua singularidade, com suas ideias e talento. Não havia espaço físico delimitado ou regras como em um Clube. Aliás, havia sim uma aversão a regras e a qualquer tipo de censura. A espontaneidade dava o tom. Era um movimento absolutamente gregário e não excludente, que valorizava, acima de tudo, a beleza, os encontros e a amizade. Uma história costurada pelo afeto e em que seus personagens tinham como armas o violão e a caneta.

Mas, concordando ou não com o nome, não podemos negar que foi um feliz encontro de grandes músicos e compositores que criaram juntos uma obra singular. Das longas conversas, shows, sessões de cinema e muitos goles de cerveja e batidas de limão, iam surgindo as parcerias e a amizade crescia. As belíssimas melodias e harmonias compostas ganhavam palavras à altura, verdadeiros poemas, num casamento perfeito.

O que com certeza nenhum deles imaginava é que aquelas canções, com temas que refletiam as angústias e sonhos daqueles jovens rapazes, continuariam tão atuais e repercutiriam mais de cinco décadas depois.

Apesar de não ter sido o primeiro álbum deles, o lançamento do *Clube da Esquina* rompeu fronteiras e consolidou o sucesso musical do grupo que, a esta altura, já tinha colocado no mundo belezas como *Morro Velho*, *Pai Grande*, *Catavento*, *Três Pontas*, *Durango Kid*, *Outubro*, *Sentinela*, *Travessia*. Esta última, parceria inaugural da dupla Milton e Brant, feita em 1967.

Mineiro de corpo e de alma e avesso aos holofotes, meu pai parecia não ter a dimensão do alcance de sua obra. Mesmo depois de estreitar com Travessia e seguir escrevendo letras como *Maria*, *Maria*, *Canção da América*, *Nos Bailes da Vida*, *Para Lennon e McCartney* e tantas outras que se tornaram hinos e emocionam ainda hoje gerações. Algumas vezes, se impres-

“Meu pai costumava dizer que o nome *Clube da Esquina* foi um rótulo criado pela imprensa, que sentiu a necessidade de nomear o que estava acontecendo na cena musical mineira.”

sionava com comentários ou reconhecimento que recebia, mas sem jamais se deixar guiar pela vaidade. Na sua simplicidade, gostava de passear (quase) anonimamente pelas ruas de Beagã, frequentar seus bares preferidos, cinemas, conversar com desconhecidos. Dizia que isso era fundamental para o seu trabalho de criação. Para emocionar as pessoas com as palavras, era preciso conhecê-las, entender sua alma. Nas palavras dele em uma crônica publicada no *Jornal ESTADO DE MINAS*: “[...] entre risos e preguiça, eu trabalho é muito, por estar ligado ao mundo todas as horas do dia, todos os dias do ano. Sonho palavras. Mas, principalmente, vivo e sonho amor.”

Quando crianças, não entendíamos muito bem esse trabalho. Ao contrário dos pais de nossas colegas, ele não ia de manhã para algum escritório, não colocava terno, muito menos se ausentava durante todo o dia. Tínhamos um pai em casa, à nossa disposição.

E nesta nossa convivência tão intensa, a música estava

(*) Isabel é filha de Fernando Brant e sócia da Três Pontas Edições Musicais, que cuida das obras dele e do Ronaldo Bastos (outro sócio fundador), além das de Tavinho Moura e Murilo Antunes, ambos do Clube, e de alguns outros mineiros.

“E nesta nossa convivência tão intensa, a música estava sempre presente. Desde as minhas memórias mais antigas, qualquer lembrança tem sempre uma trilha sonora.”

sempre presente. Desde as minhas memórias mais antigas, qualquer lembrança tem sempre uma trilha sonora.

Em nossa casa, no bairro Cachoeirinha, os frequentes encontros dos amigos eram regados por muitos goles de cerveja e tinham sempre o som ligado. Em volta da mesa, as conversas sobre política, cinema, literatura e outras amenidades, em alguns momentos davam lugar a um profundo silêncio para que todos pudessem apreciar uma melodia, um arranjo genial, o baixo tocado por fulano ou a letra de alguma canção. Eu, que sempre gostei de ficar por perto dos adultos, não entendia muito bem como todos sabiam que aquela era a hora de silenciar. Mas me calava e escutava.

Na casa dos meus avós, na Rua Grão Pará, apelidada carinhosamente pelo meu pai de “Casa Fraterna”, não era diferente. Todos os encontros sempre foram repletos de brindes ao som de conversas bem altas e, claro, de muita música. Avós, tios, primos e quem mais chegasse para participar da festa. Casa cheia, mesa farta e a cantoria rolando solta.

Noutros vários momentos em nossa casa, meus pais colocavam os discos para tocar enquanto conversavam. Passavam horas trocando as ‘bolachas’ de lado, contando casos, falando da vida. Eu e minha irmã, ainda pequenas, ficávamos por perto com nossas brincadeiras.

A deixa para entrarmos na conversa podia ser dada por alguma canção. Uma das mais frequentes era *Cenouras*, gravada pelo Som Imaginário, em seu álbum de 1971. Cantávamos alto e ríamos muito da letra inusitada. Adorávamos também *Arco Iris*, cantada pela Fátima Guedes, ou qualquer uma do *Os Cariocas*. Enquanto nos divertíamos, éramos apresentadas para um universo de instrumentistas e canções incríveis que até hoje me impressionam e emocionam.

Fomos aprendendo e conhecendo de uma maneira bem leve, sem qualquer imposição. Com meu irmão, que nasceu anos mais tarde e depois de alguns avanços tecnológicos, em vez de ouvir os vinis, eles assistiam aos filmes musicais. *Fantasia*, da Disney, que tem na trilha grandes obras da música clássica encantava e emocionava o pequeno e o pai ficava todo orgulhoso.

Lá em casa, até o cachorro tinha suas preferências musicais. Otto, nosso *basset hound*, se acalmava ouvindo Dorival Caymmi. Durante muitos anos, nossas manhãs de domingo foram embaladas pelas canções praieiras do compositor baiano. Bastavam os primeiros acordes para que os latidos se interrompessem e ele procurasse uma sombra para se encostar.

Meu pai foi, sem dúvida alguma, a pessoa mais doce e carinhosa que conheci. Quietos e observadores, gostava mesmo era de ouvir e escrever. Percebi muito cedo que nosso espaço de diálogo se daria a partir das músicas, talvez nossa maior afinidade. Muitas coisas foram ditas pelas canções. Ele gostava de me apresentar as mais antigas e eu era a responsável por mantê-lo sempre atualizado.

Quando aceitei o desafio de trabalhar com ele para

aprender a cuidar da sua editora e sua obra, minha primeira tarefa foi organizar os cadernos de letras e os manuscritos guardados desde o início da carreira, e passar tudo para o computador. Trabalho que ele mesmo classificou como hercúleo, dada a quantidade de papeizinhos e a letra quase sempre não legível. Letras que na maior parte das vezes era minha mãe, sua companheira de toda vida e dona de uma memória invejável, quem nos ajudava a decifrar.

Foi um processo longo, trabalhoso, mas de uma beleza profunda. Cada palavra, cada rasura, cada nova canção que eu conhecia foi me ajudando a conhecer e admirar mais o Fernando Brant. Talvez tenha sido a primeira vez que eu me distanciei do pai para encontrar o poeta, o homem das palavras. E no final, com um calhamaço impresso em mãos, eu conhecia, amava e admirava ainda mais o pai e sua obra genial.

Uma obra que fala de amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria, amor e, também, utopia, justiça, liberdade e sonho. Palavras que nortearam a sua forma de ver o mundo e as suas relações. Vida e obra se fundiram e ele foi sempre absolutamente coerente com suas palavras e sua história. Em um texto escreveu: *“O que eu sou hoje, eu já era lá atrás. Apenas conheci melhor as minhas ignorâncias”*.

Esse especialista em unir palavras, que me ensinou a amar música, me ensinou também uma outra paixão: os Direitos Autorais. Hoje, à frente de sua editora, cuido de seu legado, com o apoio de minha mãe e irmãos. E, apesar da imensa saudade, tenho a tranquilidade de seguir porque aprendi a fazer (e por que não dizer que aprendi a viver?) com um mestre.

“Cada palavra,
cada rasura, cada
nova canção que
eu conhecia foi me
ajudando a conhecer
e admirar mais o
Fernando Brant.
Talvez tenha sido
a primeira vez que
eu me distanciei do
pai para encontrar o
poeta, o homem das
palavras.”

Cinco poemas

Renato César Jardim

Juiz de Direito do TJMG, aposentado

Câmera analógica

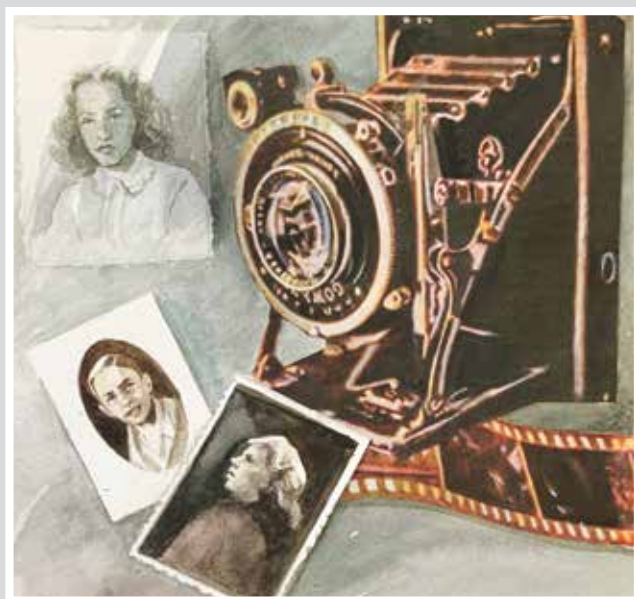
Iceberg eterno do tempo que foi
– num piscar de olhos –
Do tempo que ficou
Num piscar diafragmático.

Nossa velha fotografia
Cruel e mágica
Protege a beleza
Do tempo das formas
Perpetua o tempo das vidas
Contraria o inexorável
Da força gravitacional.

Por isso, nas geleiras
De um velho baú de retratos
Dos momentos positivos
Guardo saudosos os negativos.

Crime e castigo

Do crime perfeito
Que cometi
Trago a obsessão
Do canto
De um bem-te-vi



Rugas

Minhas rugas virão?
Talvez...
Tomara!

Me alerto:
O tempo
Não se amarra
Em pontos estéticos.

Se vierem
Serão o sinal
De quem passou
Liso pela vida.

Aerólitos

Tudo lindo
Terra azul
Estrelas cadentes
Mas há risco iminente
Somos cães de beira de estrada

Sursis

O homem que matou a saudade
Obteve a suspensão provisória
Da pena imposta pelo tempo

As duas viagens do meu pai*

Odilon de Ávila Flores

Juiz de Direito do TJMG, aposentado

Canoeiro, canoeiro
Que levou meu velho pai.
Não era do rio
Nem era do mar
De onde que era?
Levou meu pai.

Numa longa viagem
De três dias e três noites
Levou-o tão alto, aos páramos siderais...
Eram lindas paragens, tranquilas, serenas,
Onde a dor e a tristeza não tinham vingado.
Onde ninguém envelhecia.
Onde meu pai viu o dele
E viu tanta gente mais,
Que há longo tempo não via.
Era além, muito além,
Além da terra e além do mar.

Canoeiro, canoeiro
Que remou um sonho inteiro
E levou meu velho pai à morada mais distante.
Lá meu velho o escutou,
No sonho que me contou:
"O que vê, será visão.
Desperte, pise no chão,
Livre dos males do corpo.
Viva oito anos mais
E depois você virá".

Canoeiro enganador...
Meu pai voltou como estava
– uma sombra do que fora!
"Oito anos!" – você disse.
Só passaram oito dias...

Um domingo luminoso,
Muito azul, de muito sol,
Pode ser um belo dia
para a grande travessia...
Mas que dor vê-lo partir!...



* Primeiro lugar na 2ª edição do Prêmio Nacional de Literatura para magistrados, organizado pela AMB em parceria com a Academia Paulista de Letras (APL).



Ode a Sebastião Salgado

Amaury Silva

Juiz de Direito do TJMG em Governador Valadares

Ele saiu da explosão de luz na caixa preta de Flusser
Ou veio de um esfregão na lâmpada mágica de Aladim
Deve ter sabido sobre a fome pela sabedoria de Josué
E confirmou Simondon com o nome Leica e um motim

Cafezais podem dizer mais de si pela imagem do que escritos
E a África inteira me traz uma dor cruel de olhar o mundo
Que não vence o sensor e não faz o justo mesmo com os gritos
Que não distraíram o obturador e o branco em preto mais profundo

Cum grano salis todos somos sebastianistas que ecoam no infinito
Pelas meninas somalis que foram derretidas no fel do insensível
Os trabalhadores não vencidos mesmo que arquivados no brita
Da máquina e dos tempos já tão havidos e longos, que o lote não é crível

Se o casal Becher normaliza a paisagem industrial em dias nublados
O captor aimoré sinaliza o humano nas vestes do tesouro de Serra Pelada
E volta do degredo pela estrada panamericana de todos os colonizados
Evocando o postlimínio na retomada, no fim do Êxodo de toda a chegada

Poliomielite nunca mais, são momentos decisivos que clicam a vida
E bradam entre a doçura da paz e a firmeza da exigência vacina para todos
Que o estado da graça boa dos homens é feito da comunhão permitida
Com o gênese e o elo na caraça da natureza, maternidade sem engodos

O menestrel das imagens que conspiram pacíficas e fortes pela justiça
Inquieto, trouxe as paisagens do desigual que falam e pedem a Paideia
Restaurada, renovada e partilhada sem exclusão, como uma premissa
Da aromatizante coada do café, personificada no sonho de uma ideia

De mãos e afetos dados com Lélia, o combatente enfrenta o vulcão
O veneno tenebroso de ofélia contido em verbo transitivo direto
Desmatar, assorear que mudam de complemento e nomes na Bulcão
Preservar, recuperar, a mata, o Rio Doce, nosso ecúmeno descoberto

Sebastião olha por trás do olho da câmera e seu olhar é uma guia
Abre clareiras e o ferrolho da cegueira, porque a escuridão não existe
É apenas a ausência da luz que traz o sono da indiferença, anestesia
Para ver é preciso ser audaz, é preciso pôr na vida o bem em riste

Três poemas

Aldina Soares

Juíza de Direito do TJMG em Santa Luzia

Aquarela

Libélula pousou,
retrato se pôs
no quadro,
tez negra infante.

A cor pingou no branco,
pincel misturou o humor
o traço embaçou a tristeza,
o molde enlaçou a obra.

Presenteado o dia,
segue pendurada na parede
a cor das cores: alegria.

Memórias

Manuscritos, cântaros,
póstumos sintomas do
mundo findo.

Cadernos, caligrafias, luz de velas
olhos noturnos em vagar
febris do calor
da lareira em dança
a mirar a alma.

Doce tempo.

Instante

Agruras arranham teus lábios
nas vozes em que dizes
palavras opacas,
noturnas e sintéticas

A drágea doma teus arroubos,
tu vagueias em flûtes nostálgicos,
dormes sem sibilos.
Empalhado.

Tuas mãos seguram o amor vindo do
lento olhar.
Lírico.
Teatral.

E quando fala o coração
amor de filme antigo
ressoam do interior da capela
sinos então constrictos
e tens, em ti, ternura.



Três poemas

João Quintino Silva

Desembargador do TJMG, aposentado

Na morte, a igualdade

Há diferença
Entre o esqueleto de um rei
E o esqueleto de um
súdito?

O mesmo pó os compõe.
Filhos da mesma lama,
São condenados à horizontalidade da
morte.

Ricos e pobres, o mesmo fim.
De proveito, apenas o calcário dos
ossos.

A face oculta do amor

Sensualidade! Sim,
sensualidade!
Primeiro, o frenesi! Depois,
sem pressa,

O gozo erótico, que esgota e
estressa!
Pecado capital. E, na verdade,
Mesmo o poço profundo de
mistério,
Fora de si, perdido o ar tão sério,
O homem naufraga, mas embarca
nessa.

Poemeto

A chuva tão mansa
Faz coro com a voz
Das almas que, a sós,
Consagram aliança.

Só flores, só flores
Eu colho na flora
Dos sonhos de agora,
- Meus sonhos de amores.

Eu te amo, querida,
Com todo o fervor!
E em todo este amor,
Eu pus minha vida.

Por modos diversos
Eu vivo a te amar...
Eis cá, pra te dar,
Por flores – meus versos!



Prece de um (outro) mineiro no Rio

Llewellyn Medina

Desembargador do TJMG, aposentado

O tempo se esgarça
espírito de Minas
até ficar fininho
sobre mim
tal a bênção de Moisés
sobre o povo de Israel
teu raio propiciatório alivie
o ocaso de mim
(retarde se possível sim
e não contrariar a natureza das coisas)
não deixes que me cale já
é cedo e inaudível meu lamento
tenho canto neste momento
cantar além de tuas alterosas montanhas
entranhas montanhas me geraram
nesta estranha planície de agora
estiolaram-se os dias meus
a ampulheta devora gulosamente
(celeremente escoam
os dias nunca brotam)
não me cobres agora a juventude
não deixei rastros pegadas
escorreram-me sob a pele enrugada
teus rios alimentam minhas veias
me perco nessas montanhas

Rio permanece jovem
mais de que um dia fui
exilado de Minas
minha canção do exílio
meu coração não balança
"como uma onda no mar"
mineiro tem coração pesado
ferro bruto ferro fundido
bigorna de ferro
tristeza roceira
esse céu sem adjetivos
o bem-te-vi anuncia
vai chover em tuas cabeceiras
até entortar o dia
milímetros de desabrigados
casas sucumbem
ruem alicerces
paredes choram comigo
"Minas não há mais"
Invisível sigo e ereto
Pasárgada pouso final.



Três poemas sobre música

Fernando Armando Ribeiro
Desembargador do TJMMG

O Clube

H Na esquina uma voz ecoou
do som fez-se primavera
Acordes como girassóis
paisagens vistas da janela

A bordo do trem azul
na estrada pavimentada de estrelas
garotos, sonhos, canções
e uma travessia eterna

Para McCartney, em seus 80 anos

O que são os anos
para esse menino besouro
cujo canto é sol
que entrelaça suas mãos a terra

Voando nas asas
de um pássaro preto
sobre avenidas Penny
e ao redor do universo
sonhos dourados inspiram
nossos ontens
(utópicos, idílicos)
ainda por vir

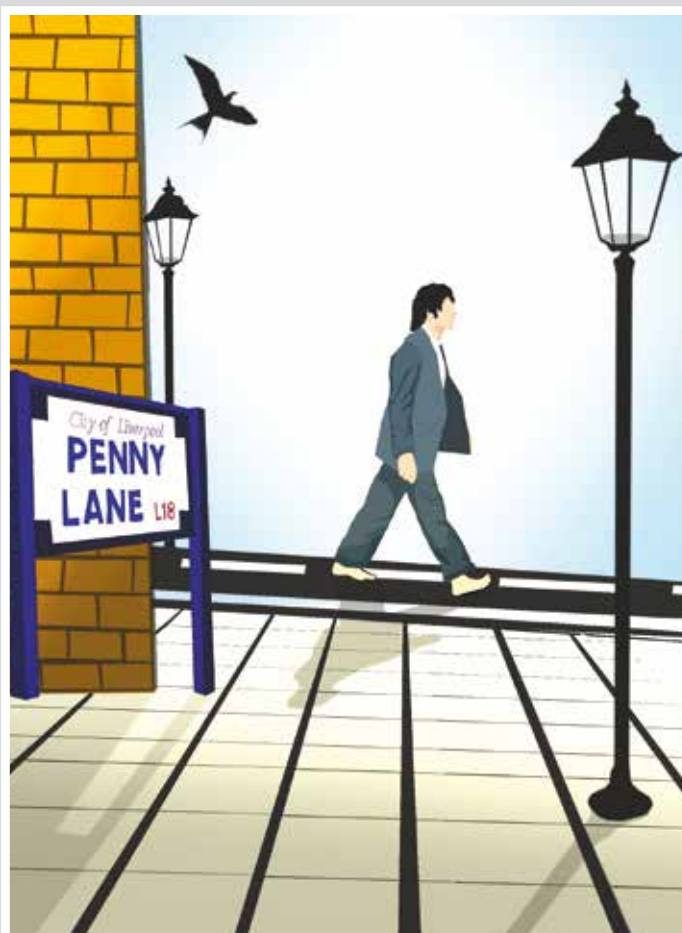
Um dia na vida, sempre se celebra
aqui, lá
em todo lugar

Johann Sebastian

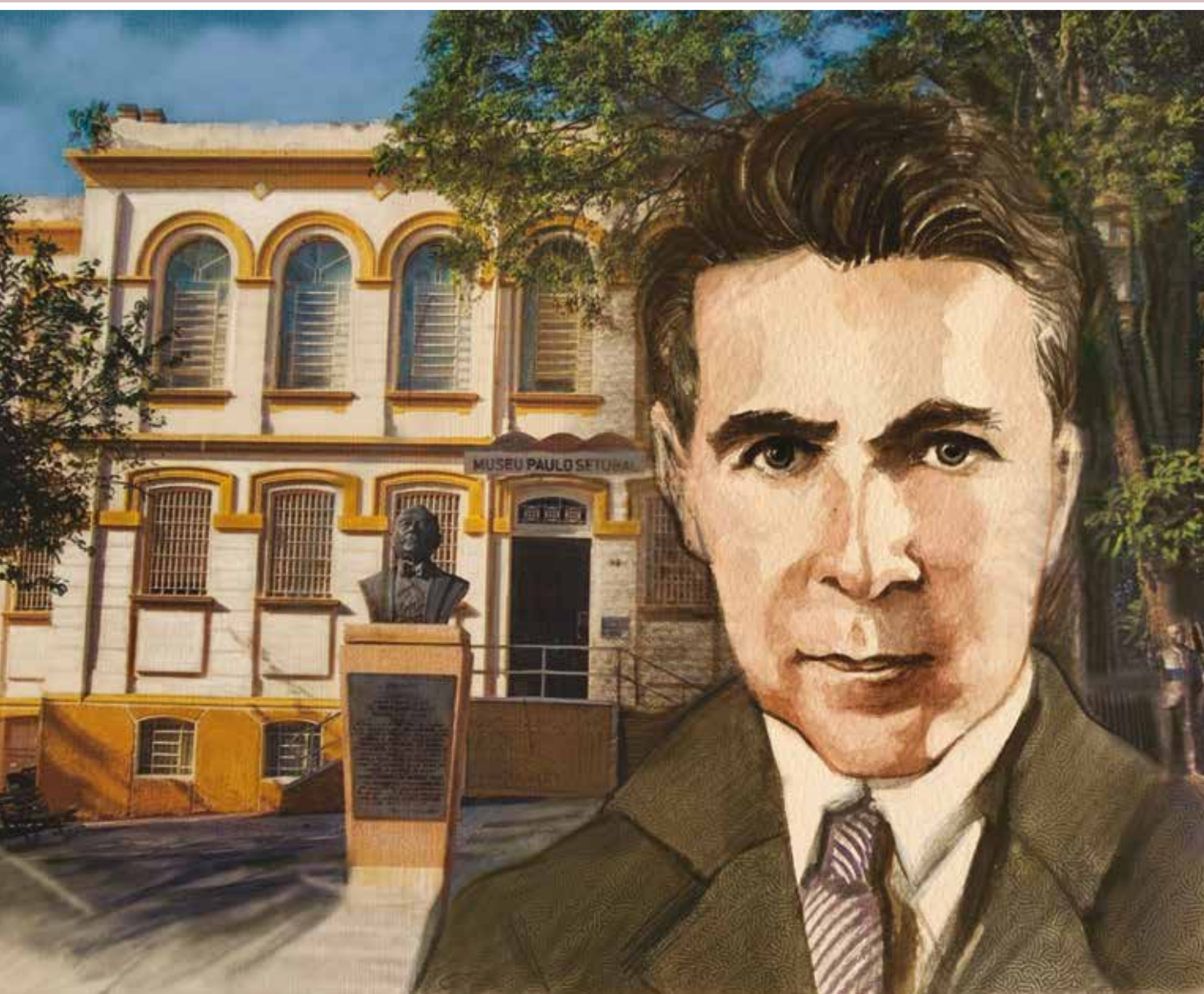
B ach
mistério
dilema

Sinfonia cósmica
rumo ao magnífico

Prelúdio do homem
pelas variações do gênio



A ilustração do poema "Para Mc Cartney" é de José Zavagli, 12 anos de idade, neto de Sandra Bianchi, ilustradora de todas as edições de MagisCultura. José desenha desde tenra idade, aos 4 ou 5 anos, quando era fascinado pela figura dos Beatles, que gostava de reproduzir. Atualmente, dedica-se à arte digital.



Confissões de Paulo Setúbal

Rogério Medeiros Garcia de Lima
Desembargador do TjMG

“**H**averá no céu mais alegria por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão”
(Lucas 15:7)¹.

Este artigo contém breve abordagem da vida e obra do advogado, jornalista e escritor paulista Paulo Setúbal. Sua obra póstuma, *Confiteor*², é de cunho acentuadamente confessional.

A vida de Setúbal coincide com a transformação do Brasil rural em urbano, a ascensão política e econômica de São Paulo (estado e capital) e o movimento artístico *Modernismo*. Vivenciou, enfim, os sangrentos conflitos da Revolução Constitucionalista de 1932 – o que interessa particularmente a nós, mineiros.

Autores confessionais

Tenho especial fixação em escritores confessionais. Menciono dois deles.

Santo Agostinho (354-430 d.C.) foi o mais eloquente defensor do Cristianismo no seu tempo. Os pacientes esforços de sua mãe, Santa Mônica, o ajudaram a se converter num extraordinário cristão.

Nas Confissões, ele revelou haver escutado a voz de um menino, em um jardim de Milão. Estimulara-o a ler este versículo bíblico:

“Comportemo-nos honestamente, como em pleno dia: nada de orgias, nada de bebedeira; nada de desonestidades nem dissoluções; nada de contendas, nada de ciúmes” (Romanos, 13, 13).

Santo Agostinho foi provavelmente o convertido mais famoso de toda a história.³

Outras confissões lemos nas *Memórias* do maranhense Humberto de Campos (1886-1934):

“Os objetivos (desta obra) são aqueles que se poderiam descobrir em Santo Agostinho, entre os antigos, em Jean-Jacques, há dois séculos, e em Gorki, entre os contemporâneos: a confissão pública de faltas particulares, numa penitência de possíveis pecados de egoísmo e de orgulho; e a demonstração de como pode um homem, pela simples força da sua vontade, desajudado de todos os atributos físicos e morais para a vitória, libertar-se da ignorância absoluta e de defeitos aparentemente incorrigíveis, desviando-se dos caminhos que o levariam ao crime e à prisão para outros que o poderão conduzir a uma poltrona na Academia e a uma cadeira no Parlamento.”⁴

Nascimento e infância

Paulo Setúbal de Oliveira nasceu em Tatuí (SP), no dia 1º de janeiro de 1893.⁵

Era filho do comerciante Antônio de Oliveira Setúbal e de Maria Teresa de Almeida Nobre, também conhecida pelo apelido de Mariquinha. Descendia de bandeirantes paulistas.

Ficou órfão de pai aos seis anos de idade. A mãe, em dificuldades financeiras, cuidou sozinha dos nove filhos.

Chico Pereira, o primeiro professor

O menino Paulo foi aluno do professor Francisco Evangelista Pereira de Almeida, Sr. Chico Pereira. O preceptor mantinha a escola na sua modesta casa, em Tatuí, onde morava com três irmãs solteiras e idosas, sob seu sustento. Era um homem caridoso. Diariamente alimentava mendigos maltrapilhos, em sua residência:

“Ao anoitecer, o menino soube, seu Chico ia todas as tardes para o Asilo São Vicente de Paulo. Lá se achavam uns velhinhos doentes, bem esqueléticos, desprovidos de recursos. O asilo era obra de seu Chico. Logrou erguê-lo após arrecadar as primeiras dádivas, porém isto lhe deu muito trabalho. Dezenas de velhos encarquilhados se abrigaram no asilo e todas as tardes, sem jamais faltar, seu Chico visitava os infelizes. E sempre com uma velha Bíblia na mão. Aqueles pobrezinhos, contou Paulo no seu livro *Confiteor*, quando ouviam o relógio grande bater cinco horas, diziam num tom firme:

– Seu Chico está aí.

“De fato, estava”.

Depois de aposentar-se, Chico Pereira vendeu a casa e os poucos pertences. Foi também morar no asilo.⁶

¹ *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Edições Paulinas, edição pastoral, 1989.

² SETÚBAL, Paulo. *Confiteor: “Eu confesso”*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

³ DOREN, Charles Van. *Breve historia del saber – La cultura al alcance de todos*. Barcelona: Editorial Planeta, trad. Claudia Casanova, 2009, p. 169-170.

⁴ CAMPOS, Humberto de. *Memórias – Primeira parte (1886-1900) obra póstuma*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1957, p. 8.

⁵ As referências biográficas, neste texto, foram extraídas em: JORGE, Fernando. *Vida e obra de Paulo Setúbal: um homem de alma ardente*. Belo Horizonte: Geração Editorial, 2008; *Paulo Setúbal - Biografia*, portal da Academia Brasileira de Letras, disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/paulo-setubal/biografia>, acesso em 01.05.2022; e SETÚBAL, Paulo. *A Bandeira de Fernão Dias*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 8ª ed., 1983, apresentação de Lourenço Dantas Mota.

⁶ JORGE, Fernando. *Vida e obra de Paulo Setúbal cit.*, p. 19-22.

“De todos os paradoxos de São Paulo, um dos maiores é o que oferece o cotejo de seu presente com seu passado. Se há um lugar de que se possa dizer que já nasceu distante, esse lugar é São Paulo.”

A promessa infantil

A família Setúbal tinha duas vacas, Morena e Manteiga. Paulo as apanhava no pasto, todas as tardes. Às vezes, as vacas se escondiam no mato cerrado, perigoso e cheio de cobras:

“A Morena e a Manteiga foram o tormento do menino Paulo Setúbal. Ele pedia à Rainha do Céu o favor de as encontrar sem dificuldade. Certo dia, ao ir buscá-las, sentiu-se tão agoniado que entrou numa igreja. Aproximou-se do altar, vergou os joelhos e levantou para a imagem da Virgem Santíssima os seus olhos suplicantes. Nossa Senhora sorria no nicho, carregando o Menino Jesus nos braços, e com um manto azul-celeste recamado de estrelas prateados, um esplendor a cintilar na sua cabeça. O menino implorou:

– Minha Nossa Senhora, ajudai-me! Fazei que eu encontre a Morena e a Manteiga, sem custo. Que elas não se escondam no mato. Concedei-me o que vos peço, minha Nossa Senhora, que eu, aqui diante de vosso altar, os faço essa promessa: eu, quando ficar homem, serei padre!

“(…) Esse episódio, não há dúvida, se mostra a alma impulsiva e ardente de Paulo Setúbal, também revela a força oculta de um irreprimível sentimento religioso. Sentimento que teria crescido e se avigorado – é uma hipótese – diante do magnífico exemplo da vida do boníssimo Chico Pereira”.⁷

Mudança para a capital

Seu Chico Pereira e outros professores de Paulo aconselharam D. Mariquinha a enviar o filho a São Paulo, para estudar:

“Que fazer? A viúva não hesitou, vendeu o resto dos poucos bens, juntou estoicamente algum dinheiro e foi trabalhar, como intrépida guerreira, na severa cidade de São Paulo, a qual, segundo a frase de Paulo, ‘é a mais dura, a mais fria, a mais materialista das cidades do Brasil’”.⁸

Registre-se que a vida de Paulo Setúbal, na capital paulista, coincide com a expansão galopante da cidade. Roberto Pompeu de Toledo refere-se a São Paulo, hoje, como “labirinto urbano que se prolonga ao infinito”:

“Que contraste com (...) a cidadezinha insignificante que foi São Paulo na maior parte do tempo de sua existência. De todos os paradoxos de São Paulo, um dos maiores é o que oferece o cotejo de seu presente com seu passado. Se há um lugar de que se possa dizer que já nasceu distante, esse lugar é São Paulo. Quando surgiu, era a primeira cidade, ou melhor, vilarejo, brasileiro do interior, fora de mão e livre do alcance dos navios da metrópole. Por mais de uma ocasião esteve ameaçada de penosos retrocessos, se não de extinção, por motivo de abandono dos moradores, da precariedade de recursos e do que por vezes pareceu uma irremediável falta de futuro. Seu destino, ao longo dos três primeiros séculos de existência, foi de isolamento e de solidão”.⁹

⁷ JORGE, Fernando. *Vida e obra de Paulo Setúbal* cit., p. 27-28.

⁸ JORGE, Fernando. *Vida e obra de Paulo Setúbal* cit., p. 29.

⁹ TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A capital da solidão: Uma história de São Paulo das origens a 1900*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 15-16.

Religiosidade enfraquecida

Em São Paulo – registra Lourenço Dantas Mota – Setúbal vai estudar no Ginásio do Carmo, dos irmãos Maristas. Lá permanece até a conclusão do curso secundário:

“É aí que desenvolve desde cedo o hábito da leitura. Seus gostos se definem logo e é a poesia que domina sua preferência, sobretudo a de Antero de Quental e Guerra Junqueiro. Depois será a vez das influências de Voltaire e Nietzsche, leituras que, se não o fazem romper com sua formação católica, levam-no a fases de indiferença, sempre seguidas de outras de aproximação momentânea da fé”.¹⁰

Acrescenta Fernando Jorge:

“O inquieto rapaz de Tatuí, no Ginásio de Nossa Senhora do Carmo, aprofundou-se no estudo das letras clássicas, das humanidades, então consideradas como instrumento de educação moral. Entretanto, segundo ele informou no livro Confiteor, as suas ideias religiosas se enfraqueceram. (...)”

“A carnalidade afogou no seu nascedouro aquela sementinha de religião que despontava tímida dentro de mim’.

“O colégio católico deixou de influenciá-lo. Rezava nos intervalos das aulas a Ave-Maria, como os seus companheiros; ouvia todos os dias, a lição de ensinamento religioso, dada pelos padres maristas. Contudo, a sua fé se rompera. Aqueles bons maristas podiam falar à vontade das doçuras celestiais, pois na opinião dele, Paulo Setúbal, ‘não havia céu mais doce do que as mulheres’”.

Naquela época, Paulo dividia o modesto quarto com um irmão mais velho, estudante de Direito. Este recebia os colegas, para lerem e discutirem sobre filósofos como Immanuel Kant, Spinoza, Rousseau, Schopenhauer, Herbert Spencer e Friedrich Nietzsche:

“Bem violento foi o impacto dessas doutrinas na alma de Paulo Setúbal, do menino que humilde, ansioso, ajoelhado em frente de um altar, havia prometido a Nossa Senhora ser padre quando se tornasse adulto”.¹¹

Direito, magistério, jornalismo

Em 1910, Paulo ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

No entanto, algum tempo depois decidiu cumprir a promessa de se tornar padre, feita na infância em Tatuí. Apesar dos muitos aconselhamentos em contrário, relataria no *Confiteor*, matriculou-se no Seminário Diocesano. Logo descobriu que aquela não era a sua vocação. Abandonou o seminário e prosseguiu com o curso de Direito.

Para auxiliar no sustento da família desprovida de recursos, Paulo Setúbal lecionava no Ginásio Arquidiocesano e na Escola de Comércio do Brás:

“A carnalidade afogou no seu nascedouro aquela sementinha de religião que despontava tímida dentro de mim.”

¹⁰ MOTA, Lourenço Dantas, in SETÚBAL, Paulo. *A Bandeira de Fernão Dias*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 8ª ed., 1983, apresentação.

¹¹ JORGE, Fernando. *Vida e obra de Paulo Setúbal cit.*, p. 30-32.

*"A literatura começa aos poucos, nessa época, a ganhar terreno em sua vida e o leva a se aproximar do jornalismo como uma maneira de encontrar uma atividade mais próxima de suas inclinações e inquietações. Apresenta-se ao jornal A Tarde, com a pretensão de escrever sobre literatura, o que não é possível para um principiante como ele. Acaba aceitando o cargo de revisor que lhe é oferecido, mas pouco tempo depois leva ao diretor alguns de seus poemas, com a intenção de mostrar-lhe que a sua pretensão não era assim tão descabida. Tem de esperar algum tempo antes que um deles seja publicado e ele promovido a redator".*¹²

A doença

Em 1912, Paulo foi acometido pela tuberculose, naquela época, uma moléstia grave e letal. Ficou perturbado com o diagnóstico:

*"Não por medo de morrer. Isso não me aturdiu muito. O que me aturdiu, o que me magoava, o que me feria no mais sensível do coração, era ver-me, de um dia para outro, coagido a deixar o meu Direito, a deixar as aulas que dava, a deixar o meu sonhado normal. Oh, o jornal... E logo no primeiro dia em que ia trabalhar na redação? Que má sorte! Caiporismo dos diabos".*¹³

Setúbal foi para Tatuí, sua cidade natal. Repousou durante seis meses. Regressou a São Paulo, bem melhor, e seguiu para Campos do Jordão, onde completou o tratamento. A doença reincidiria periodicamente. Minaria o organismo de Paulo e o levaria à morte prematura.

Formatura

A despeito das adversidades, Paulo concluiu o curso de Direito em 1914, aos vinte e dois anos. Foi nomeado promotor interino na Capital. Todavia, recusou a efetivação no cargo, quando esta possibilidade lhe fora oferecida. Dedicou-se com êxito à advocacia.

Descrença e dinheiro

Paulo progrediu bastante na profissão, mas abraçou os prazeres mundanos e se afastou do Catolicismo:

"Os padres assumiram o aspecto, diante dos seus olhos, de uma 'negra e tenebrosa espécie de gente'. Passou a detestá-los, vendo neles criaturas que a fim de 'subjugar as almas', recorriam ao misticismo e ao terror:

'Deus desaparecera de minha vida. Desaparecera totalmente. Igreja? Não mais pisei a nave de uma só. Missa? Nunca mais. Nem mesmo as de sétimo dia. Reza? Oh, que coisa ridícula... Nunca mais disse uma 'ave-maria'".

Em agosto de 1914, eclodiu a Primeira Guerra Mundial e aumentou a descrença do jovem advogado:

"O conflito se espalhara, pois vinte milhões de homens, de oito países, já lutavam nas frentes de combate. (...)

"Surpreso e atento, Paulo acompanhava a evolução da hecatombe. Deus lhe aparecia com um cachimbo na boca, assistindo lá do alto a esse espetáculo, onde os raivosos cristãos se entrematavam... E o rapaz fazia essas perguntas:

'Que importava lá a palavra de Cristo? Eu não acreditava mais em Cristo. Não acreditava mais naquele Cristo amorável de minha mãe. Nem naquele Cristo ingênuo de minha infância.'

"Paulo tinha esta nova religião: ganhar dinheiro. Religião que lhe concedia o direito de frequentar os clubes da elite, de ceiar nos restaurantes de luxo, de possuir mulheres belas e caras. Portanto, quanto mais demandas entrassem no seu escritório de advocacia, mais rico ele ficaria:

'... dinheiro, para que eu pudesse dar largas a todas as paixões desenfreadas que ardiavam dentro de mim. E o dinheiro não me faltava. E a vida me era fácil e deleitosa. E eu me julgava um triunfador...' (...)

*"Milhares de cadáveres putrefatos, estirados nos lamacentos campos de batalha, nutriam o ceticismo de Paulo. Aquelas mortes assassinaram sua fé em Deus".*¹⁴

Gripe Espanhola

Quando começava a se firmar na advocacia, Paulo teve uma recaída pulmonar, provocada pela Gripe Espanhola de 1918.

A cidade de São Paulo estava em pânico:

"Todos os teatros, todos os cinemas e todas as escolas da Paulicéia se fecharam. Famílias com dez, quinze ou vinte membros eram inteiramente dizimadas, e os cidadãos caíam nas ruas, espichavam-se, à maneira de moscas quando morrem sob um jato de inseticida. Sucumbiam na capital paulista, numa cidade que (...) tinha pouco mais de meio milhão de habitantes, cerca de quinhentas a seiscentas pessoas por dia. (...)

"Monteiro Lobato enviou de São Paulo para Godofredo Rangel, no dia 14 de novembro de 1918, uma carta onde ele teceu o seguinte comentário sobre a monstruosa gripe:

'O que tem por aqui e no Rio é um rosário de horrores e tragédias. Aquelas infernais pestes da Idade Média deviam ser assim. Só quem aguentou o lance num centro populoso como este, pode fazer ideia.'

*"O enfermo atacado pela doença na sua forma pneumônica – a de Paulo Setúbal – falecia de modo rápido e abrupto, mas a morte poupou o rapaz nascido em Tatuí. Ele conseguiu erguer-se da cama".*¹⁵

¹² MOTA, Lourenço Dantas, in SETÚBAL, Paulo. *A Bandeira de Fernão Dias cit.*

¹³ JORGE, Fernando. *Vida e obra de Paulo Setúbal cit.*, p. 61.

¹⁴ JORGE, Fernando. *Vida e obra de Paulo Setúbal cit.*, p. 77-79.

¹⁵ JORGE, Fernando. *Vida e obra de Paulo Setúbal cit.*, p. 89-90.

Paixão torturante

Seguindo conselho médico, Paulo mudou-se para Lajes, em Santa Catarina, onde morava um de seus irmãos.

Foi se recuperar da sequela pulmonar da Gripe Espanhola. Escreveria no *Confiteor*:

“Adeus, São Paulo! Adeus, salões e clubes! Adeus, amigos e noitadas! Adeus, meu querido e triunfante escritório de advocacia! Adeus, esforços e trabalho e vitórias da minha mocidade! Lá foi tudo água abaixo... lá eu de novo, com as mãos abanando, recomeçar a minha vida em terra estranha, longe do meu estado, numa cidade que eu nunca vira, boca de sertão perdida rusticamente entre píncaros de serra. (...)”

“Amarguei no meu coração, com muito fel, esse estralhecimento dos meus sonhos. Como é desesperadora, amigo, a revolta dum coração materialista. Dum coração que não crê em Deus. Dum coração que põe a sua única mira em ambições e gozos da terra. Eu conheci de perto, naquela hora, essa revolta. Eu a vivi”.

Ganhou muito dinheiro na advocacia em Santa Catarina, mas esbanjou no jogo. *“Aprendera a jogar, havia adquirido ‘a paixão torturante das cartas’”*.¹⁶

O nascimento do escritor

Segundo Lourenço Dantas Mota, o regresso de Paulo Setúbal a São Paulo, após viver em Lajes, coincidiu com o surgimento do escritor:

“Setúbal traz um conjunto de poemas escritos ali e em Tatuí e vai logo procurar uma editora, a Revista do Brasil, dirigida por Monteiro Lobato. Mais tarde, Lobato descreveria a cena, dando uma ideia da exuberância do personagem, que nada tinha a ver com a imagem de um homem doentio e acabrunhado. Pelo contrário: ‘Entrou aos berros, com um pacote de versos em punho – Alma cabocla. Era a primeira vez que o via, mas Setúbal tratou-me como um conhecido de mil anos. Entrou explodindo e continuou a explodir durante a hora que passou lá’. Saiu dali com a edição garantida. A confiança de Setúbal na qualidade de seus poemas, manifestada com naturalidade e sem o intuito de autopromoção, como observara Lobato, tinha a sua razão de ser: a primeira edição de Alma Cabocla, de três mil exemplares, esgotou-se em apenas um mês e várias outras se seguiram, não apenas lançando como firmando o seu nome na literatura brasileira. E logo com o primeiro livro, Setúbal se mostrou aquilo que seria durante toda a vida, a cada lançamento de uma nova obra: um autor de grande sucesso, bem recebido não apenas pela crítica, mas sobretudo pelo público”.¹⁷

Alma cabloca exalta vida rústica e o reencontro com natureza, em Tatuí:

“Deus lhe aparecia
com um cachimbo
na boca, assistindo
lá do alto a esse
espetáculo, onde os
raivosos cristãos se
entrematavam...”

¹⁶ JORGE, Fernando. *Vida e obra de Paulo Setúbal* cit., p. 91-93.

¹⁷ MOTA, Lourenço Dantas, in SETÚBAL, Paulo. *A Bandeira de Fernão Dias* cit.

*"Como um caboclo bem rude,
Eu vivo aqui, nesta paz,
Recuperando a saúde,
Que eu esbanjei, quanto pude,
Nas tonteiras de rapaz. (...)*

*Mal brilha o primeiro raio
Da aurora rubra e louça,
Eu monto em fogo baio,
E alegre, e lépido, saio
Pelo esplendor da manhã.*

*Lord, o meu bravo cachorro
Vem pela estrada a saltar:
E a várzea, e os pastos, e o morro,
Tudo, a galope, eu percorro,
Numa alegria sem par".¹⁸*

Paulo destacou-se, especialmente, no gênero romance histórico:

"(Publicou) A Marquesa de Santos (1925) e O Príncipe de Nassau (1926). Sabia como romancear os fatos do passado, tornando-os vivos e agradáveis à leitura. Os sucessivos livros que escreveu sobre o ciclo das bandeiras, a começar com O ouro de Cuiabá (1933) até O sonho das esmeraldas (1935), tinham o sentido social de levantar o orgulho do povo bandeirante na fase pós-Revolução Constitucionalista (1932) em São Paulo, trazendo o passado em socorro do presente".¹⁹

Modernista não engajado

A biografia de Paulo Setúbal também perpassa pelo movimento modernista:

"O termo (Modernismo) ganhou força justamente por designar um movimento paulistano, que agregava figuras locais, como Tarsila do Amaral, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, e figuras de fora, como o maestro Villa-Lobos, carioca, e o poeta Manuel Bandeira, pernambucano; movimento paulista nos anos 1920 quer dizer movimento cuja força histórica é muitíssimo superior aos meros enunciados artísticos, porque São Paulo, cuja voz se faz ouvir no Modernismo, é a ponta de lança do desenvolvimento industrial, comercial, bancário, tecnológico do país todo, sem termo de comparação com qualquer outra das províncias, mesmo o Rio de Janeiro, que permanece, nessa época, como a capital federal. Assim, o 'modernismo' paulistano dispara seus torpedos artísticos na mesmíssima direção para onde se dirigiu o desenvolvimento brasileiro, o que conferiu às teses modernistas a força avassaladora da história".²⁰

Mas o advogado escritor não se engajara no Modernismo:

"Paulo Setúbal não era um poeta moderno, de vanguarda, ele, o lírico de Alma cabocla (...)

"Qual foi a posição de Paulo, diante da Semana de Arte Moderna de 1922? Cassiano Ricardo, no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, proferido em 28 de dezembro de 1937, disse que Setúbal não podia ficar indiferente ao caráter nacional e à modernidade do Verde-Amarelismo, um movimento oriundo da Semana. O tatuiense, frisou Cassiano, tinha horror ao Cubismo, pois este lhe dava a impressão de exibir o mundo de cabeça para baixo. Paulo via no Futurismo de Marinetti 'uma literatura de retorno e de verdadeira alucinação, mas ele apoiou, informa o poeta de Martim-Cererê, o Verde-Amarelismo, o cunho nacionalista desse movimento que reuniu alguns participantes da Semana, como Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Cândido Mota Filho e o próprio Cassiano. Daí nasceu o Grupo da Anta, reivindicando, contra as influências europeias, a completa nacionalização da literatura brasileira, estribada em nosso folclore, em nossas tradições, em nossa história, na cultura dos nossos índios".²¹

Família

Em 27 de junho de 1922, Paulo Setúbal casou com Francisca de Sousa Aranha.

A noiva era filha de Olavo Egídio de Sousa Aranha e de Vicentina de Queiroz Aranha.

Olavo Egídio, natural de Campinas (SP), foi um conhecido político, advogado, fazendeiro e banqueiro.

Paulo e Francisca tiveram três filhos: Olavo, Maria Vicentina e Teresinha.

O filho, Olavo Egídio Setúbal (1923-2008), era engenheiro, industrial, banqueiro e político. Foi um dos grandes acionistas do Banco Itaú.

Política e revolta

Paulo Setúbal teve uma fugaz passagem pela política. De 1928 a 1930, foi deputado estadual, mas renunciou ao mandato por razões de saúde.

Após a Revolução de 1930, Getúlio Vargas tornou-se chefe do "Governo Provisório". A situação política se complicava:

"A rigor, um regime ditatorial fora implantado no Brasil, com o fechamento das câmaras municipais, das assembleias legislativas, da Câmara Federal e do Senado. Interventores começaram a governar as unidades federativas. Superintendente era o capitão Juarez Távora, o 'vice-rei do Norte'".

Em São Paulo, o pernambucano João Alberto Lins de Barros foi nomeado interventor:

"Evocador em suas obras dos gestos de brio dos paulistas, do passado heroico da terra bandeirante, o escritor Paulo Setúbal também se sentia humilhado. A terra de Fernão Dias, Borba

¹⁸ JORGE, Fernando. *Vida e obra de Paulo Setúbal* cit., p. 65.

¹⁷ MOTA, Lourenço Dantas, in SETÚBAL, Paulo. *A Bandeira de Fernão Dias* cit.

²⁰ FISCHER, Luís Augusto. *Literatura brasileira: modos de usar*. Porto Alegre: L&PM, 2007, p. 125.

²¹ JORGE, Fernando. *Vida e obra de Paulo Setúbal* cit., p. 130.

Gato e dos irmãos Leme não merecia aquilo. Não merecia ser disputada por militares brutais, vindos de outros estados, como se os paulistas fossem escravos brancos numa senzala, incapazes de ser donos dos seus próprios narizes".

Eclodiu a Revolução Constitucionalista, em 9 de julho de 1932. A reação federal foi implacável:

*"A terra dos bandeirantes ia ficando cada vez mais cercada pelo inimigo. Paulo se revolta contra os ataques da aviação ditatorial às cidades abertas. Decerto ele se lembrou do bombardeio da Pauliceia em 1924, efetuado pelos aviões do presidente Artur Bernardes. E o romancista talvez concluiu: a monstruosidade se repetia, o crime bárbaro era o mesmo..."*²²

Minas Gerais cerrou fileiras contra os rebeldes paulistas, que acabaram derrotados.

O jornalista e escritor mineiro Manoel Marcos Guimarães assinalou:

*"O que prevalece hoje nas pesquisas feitas em meios digitais sobre a Revolução Constitucionalista de 1932 é a versão paulista da história, contrariando a tese de que a história é sempre contada pelos vencedores"*²³

Confiteor

O biógrafo Fernando Jorge exalta a obra confessional de Paulo Setúbal:

"Quem lê o Confiteor de Paulo, um belo e expressivo livro de memórias, logo passa a admirar a coragem, a honestidade e a sinceridade do seu autor. A total ausência de hipocrisia do nosso memorialista nos comove, porque a franqueza de Paulo é a mesma que aparece nas Confissões de Santo Agostinho, obra onde o Doutor da Graça evoca os erros da sua mocidade, bem como a sua conversão ao Cristianismo.(...)"

"Ambos são livros pungentes, o Confiteor de Paulo Setúbal e as Confissões do Bispo de Hipona. E nos dois o leitor vê os estremecimentos do remorso. Tanto a primeira como a segunda obra, foram escritas quando os seus autores passaram a crer em Jesus, na humanidade do filho do Onipotente".

Setúbal celebrou a sua reaproximação com Jesus Cristo e descreveu a felicidade de recuperar a fé:

*"Que felicidade diferente da felicidade que o mundo sonha! É uma felicidade estranha. Felicidade que os homens, correndo atrás de delícias e voluptuosidades, nem sequer suspeitam que existe. Felicidade que é feliz na venura, mas muito mais feliz na desventura. Felicidade que é feliz na alegria, mas muito mais feliz na tristeza. Felicidade que é feliz nas horas de doçura, mas muito mais feliz, infinitamente mais feliz, nas horas de sofrimento. Sim, nas horas de sofrimento. Porque o sofrimento (...) é dívida do céu"*²⁴

Gratidão à mãe

Paulo Setúbal era grato à abnegada mãe, D. Marquinha:

"Sempre lhe enviava um exemplar de um livro seu, quando a obra era lançada. Na primeira página de um volume do romance sobre Fernão Dias, o filho afetuoso inseriu o seguinte bilhete:

'Aí vai, minha boa mãe, mais este novo livro. Alcançará ele alguns lucros? Se alcançar, deponho-os aos seus pés, minha mãe, porque a senhora é dona deles.

*Paulo, 1928"*²⁵

Acadêmico, mas mortal

Em 27 de julho de 1935, Paulo Setúbal foi empossado na Academia Brasileira de Letras.

Em 4 de maio de 1937, com o agravamento da tuberculose, Paulo Setúbal faleceu em São Paulo. Tinha quarenta e quatro anos

Para a infelicidade da cultura, os acadêmicos não são biologicamente imortais...

**"Aí vai, minha boa
mãe, mais este novo
livro."**

²² JORGE, Fernando. *Vida e obra de Paulo Setúbal* cit., p. 305-311 e 338

²³ GUIMARÃES, Manoel Marcos. *Um túnel sangrento na Matiqueira e a sensibilidade do poeta*. Belo Horizonte-MG: Revista MagisCultura, Associação dos Magistrados Mineiros, nº 25, abril de 2022, p. 45.

²⁴ JORGE, Fernando. *Vida e obra de Paulo Setúbal* cit., p. 32-35, 94 e 403-404.

²⁵ JORGE, Fernando. *Vida e obra de Paulo Setúbal* cit., p. 259.

Leitores comentam a última edição

Congratulo-me efusivamente pelos 25 anos da Revista, altamente representativa da competência de nossos magistrados e magistradas no campo das letras, da história e das artes. Que a excelente ideia do desembargador Nelson Missias de Moraes continue prosperando.

Manoel Hygino dos Santos
da Academia Mineira de Letras

Excelente texto do desembargador Rogério Medeiros sobre Vargas Llosa. Tive a honra de trazer o Marquês a BH para proferir notável palestra quando presidia a UNA - Centro Universitário. A revista cada vez mais se afirma como repositória de temas e assuntos de alto interesse tratados com competência e seriedade.

Aloisio Garcia
da Academia Mineira de Letras



Durante o lançamento da última edição, a Amagis prestou homenagem ao desembargador Luiz Carlos Biasutti, recentemente falecido, que integrou o Conselho Editorial de MagisCultura desde o primeiro número e publicou artigos em diversas edições. Sua memória foi lembrada pelo desembargador José Marcos Rodrigues Vieira e o presidente da Amagis, JD Luiz Carlos Rezende e Santos, entregou à viúva e à filha do homenageado, Maria Marta da Costa Biasutti e Maria Beatriz Biasutti e Silva, uma coletânea dos artigos publicados por ele na revista. O presidente da Academia Mineira de Letras, Rogério Faria Tavares, participou da homenagem.

MagisCultura na Imprensa

DC MAIS
dcmass@diariodocomercio.com.br

VIVER EM VOZ ALTA

A revista "MagisCultura", da Amagis

ROGERIO FARIA TAVARES*

São poucas as revistas especializadas em cultura e arte ainda em circulação no Brasil. No campo literário, destaca a ótica "431", editada pelo acadêmico Humberto Werneck e seu filho Paulo, a partir de São Paulo; o "Suplemento Pernambuco", comandado por Schneider Carpegiani; e o jornal "Rascunho", do Paraná, criado pelo excelente Rogério Pereira. Em Minas, atualmente, chama a atenção a caprichada "Olympio", sob a coordenação da acadêmica Maria Esther Maciel, de José Eduardo Gonçalves, Maurício Mendes e Júlio Abreu. Mas hoje escrevo sobre a "MagisCultura", iniciativa da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), agora em seu vigésimo quinto número, um feito memorável num país como o nosso, que impõe tantos obstáculos a empreendimentos dessa natureza.

Dirigida por Manoel Marcos Guimarães, opositor do Manóelzinho, ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas, "MagisCultura" busca valorizar a cultura mineira em sua multiplicidade, oferecendo aos juizes e desembargadores a oportunidade de verem publicados seus ensaios, contos, crônicas e poemas.

Outro traço distintivo de "MagisCultura" é o seu projeto gráfico e visual. Desde a primeira edição, a revista conta com a excepcional colaboração de duas "crâneas" da área: Rachel Magalhães, autora do projeto original e responsável pela editoração de todos os números, e a renomada artista Sandra Bianchi, que assina as capas e as belas ilustrações de tudo o que é publicado. Sensível, a dupla explora, em seus textos, com média superior a doze por edição. A receptividade é alta. A correspondência recebida pela equipe é expressiva, registrando um acolhimento caloroso dos leitores. O saldo do "jubileu de prata" da publicação é largamente positivo: "MagisCultura" tem conseguido ser um repositório variado e atual de reflexões sobre a cultura mineira e brasileira, em sua variedade", comenta.

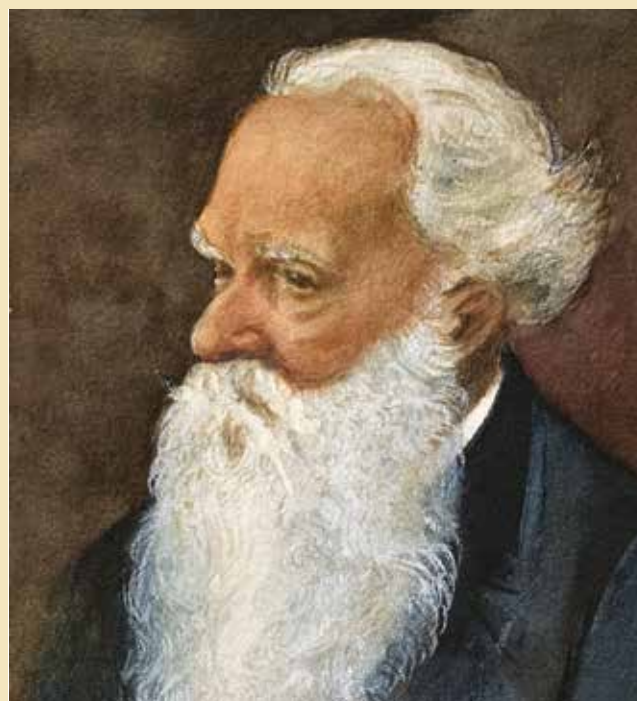
"MagisCultura" busca valorizar a cultura mineira em sua multiplicidade, oferecendo aos juizes e desembargadores a oportunidade de verem publicados seus ensaios, contos, crônicas e poemas.

Acaba de número 25, por exemplo, mostra o tributo do tema, visto desde o lendário Túnel da Martiqueta no município de Passos Quatro. Esse é o mote para apresentar "Um túnel sangrento na Martiqueta e a sensibilidade do poeta", artigo em que o próprio Manoel Marcos Guimarães escreve sobre o livro "Cabo Deodato", de Heli Menegale, pai de Berenice Menegale, e um dos melhores presidentes que a Academia Mineira de Letras já teve.

No mesmo volume, ainda é possível ler o estimulante editorial assinado pelo presidente da Amagis, Luiz Carlos Rezende e Santos, em que ele salda a revista e lhe deseja vida longa. Quer assim seja! A cultura de Minas merece.

*Jornalista. Doutor em literatura. Presidente da Academia Mineira de Letras

ERRATA



Este é Ernesto Ribeiro Carneiro. Na edição 25, página 18, versão impressa, na legenda da ilustração, nós o identificamos erradamente; o parceiro de Rui Barbosa naquela ilustração é Clóvis Beviláqua.

A AMAGIS, consciente das questões sociais e ambientais, utiliza papéis com certificado FSC® (*Forest Stewardship Council*®) para a impressão deste material. A certificação FSC garante que a matéria-prima florestal provenha de um manejo considerado social, ambiental e economicamente adequado e outras fontes controladas.

NORMAS PARA ENVIO DE ORIGINAIS

MagisCultura é uma Revista da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), destinada à publicação da produção cultural de juízes e desembargadores de Minas Gerais, em exercício ou aposentados.

Serão aceitos para publicação textos de ficção – contos, crônicas, pequenas novelas, poemas – ou de estudos – artigos, ensaios, resenhas – ou, ainda, ilustrações – fotografias, pinturas, reprodução de esculturas.

Não serão publicados textos de teses políticas, discursos, homenagens pessoais e necrológios.

A seleção dos trabalhos será feita pelo Conselho Editorial (ver nomes no Expediente).

Os textos deverão ser enviados devidamente digitados, pelo endereço eletrônico da Revista (magiscultura@amagis.com.br) e conter o máximo de 10 mil caracteres.

As ilustrações deverão ser enviadas em formato compatível com a publicação e com resolução mínima de 300 dpi.

Os prazos para envio dos trabalhos serão divulgados pelo site e demais veículos de comunicação da Amagis.

